



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE - SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO FUTEBOL BRASILEIRO			
EVENTO: Seminário	REUNIÃO Nº: 1815/17	DATA: 28/11/2017	
LOCAL: Plenário 04 das Comissões	INÍCIO: 14h19min	TÉRMINO: 17h21min	PÁGINAS: 63

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

SUMÁRIO

Discussão da economia do futebol: os impactos sobre a economia local e global.

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFIAS SEM REVISÃO, SOMENTE PARA LEITURA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Boa tarde a todas e a todos. Este seminário tem como tema o *3º Fórum Legislativo do Futebol*. É um evento da Subcomissão Permanente do Futebol Brasileiro, da Comissão do Esporte, que está sendo realizado em razão da aprovação do Requerimento nº 184, de 2017, de iniciativa do Deputado Mário Negromonte Jr.; e do Requerimento nº 202, de 2017, de iniciativa dos Deputados Mário Negromonte Jr. e Andres Sanchez, que está aqui presente.

O fórum, este ano, tem como objetivo discutir a economia do futebol: os impactos sobre a economia local e global e será dividido em duas etapas. Na primeira, falaremos sobre a experiência do futebol brasileiro e na segunda discutiremos o futebol e o mercado.

Em cada tempo, abriremos espaço para perguntas dos Parlamentares, do público e dos internautas.

Portanto, dando início a esse primeiro bloco sobre a experiência do futebol brasileiro, convido para sentar-se à mesa S.Sa., nosso ex-colega, o Sr. Walter Feldman, Secretário-Geral da Confederação Brasileira de Futebol. Agradeço-lhe por ter aceitado o convite formal que lhe fizemos quando nós e o nosso secretário estivemos lá na CBF e fomos muito bem recebidos pelo presidente e por todos os diretores e também. Agradecemos sempre a cortesia com esta Comissão e o tratamento dispensado a ela. S. Sa. muito nos honra com sua presença, até porque é um ex-Parlamentar e conhece bem esta Casa.

Chamo também S.Sa. o Sr. João Amarildo Dutra, Presidente do Esporte Clube Iranduba da Amazônia de futebol feminino, representante de todas as mulheres futebolistas do Brasil.

Informamos a todos que convidamos para fazer parte deste painel o Presidente da Associação Chapecoense de Futebol, para falar sobre o impacto do futebol na economia da sua cidade, da região. No entanto, em virtude da passagem de um ano do trágico acidente envolvendo atletas, comissão técnica, profissionais, dirigentes, enfim, da equipe, o representante do clube não pôde comparecer.

Respeitamos a decisão deles e deixamos aqui a solidariedade da Comissão do Esporte e também da Subcomissão Permanente do Futebol Brasileiro e de todos os Deputados que fazem parte delas. Nossas homenagens a toda cidade de Chapecó,



aos torcedores e aos familiares das vítimas dessa tragédia que comoveu todo o País e o mundo inteiro.

Antes de iniciarmos, desejo informar as regras para o andamento dos trabalhos. O convidado deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 20 minutos para as suas preleções, não podendo ser aparteado.

Após as exposições, serão abertos os debates. Os Deputados e o público presente interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente com a nossa Secretaria.

Comunico também que este fórum está sendo transmitido pelo portal e-Democracia, cujo *link* está disponível na página da Comissão do Esporte, no portal da Câmara dos Deputados, possibilitando assim a participação popular por meio de perguntas dirigidas a esta Mesa.

Antes de passar a palavra aos nossos convidados, eu quero aqui registrar algumas palavras relacionadas ao tema econômico. Eu tinha ampliado um pouco minha fala para aproveitar alguns cases, como o da Chapecoense, mas vamos dar algumas breves palavras em relação a alguns pontos de vista sobre essa relação econômica do futebol, com suas federações e confederações.

O futebol ocupa uma posição central no processo histórico de construção de nossa identidade nacional. Isso é consenso. Não se explica e não se compreende a cultura brasileira sem a chave interpretativa do futebol.

No aspecto social, o esporte também atende ao propósito de inclusão, melhoria na qualidade de vida, desenvolvimento humano, bem como de elemento educativo para as nossas crianças, os nossos jovens. A par das vertentes cultural e social, o esporte ainda desempenha relevante papel econômico em nosso País, tema central deste 3º Fórum Legislativo do Futebol.

Aqui debateremos o impacto do futebol sobre a economia global e local com a seguinte programação: no primeiro tempo, como acabei de falar aqui, abordaremos essa experiência do futebol do Brasil; no segundo tempo, vamos falar um pouco mais de mercado e futebol.

Como pontapé inicial, traremos alguns dados comparativos entre o mercado de futebol europeu e brasileiro. Nós buscamos alguns dados de uma empresa que presta consultorias no exterior, mais precisamente na Europa, e aqui no Brasil



também. Tivemos uma percepção muito forte, através até de publicações de empresas de consultoria, como a de agosto deste ano da 16ª edição do Anuário Financeiro de Futebol Europeu, referente à temporada de 2016/2017, pela empresa Deloitte.

O estudo revela que clubes e federações europeias movimentaram, nesse período de 2016/2017, cifras estimadas em 25 bilhões de euros, aproximadamente 100 bilhões de reais. Esse valor contempla apenas as receitas obtidas diretamente com o futebol, entre elas: o direito de transmissão, bilheteria, jogos, patrocínios e licenciamentos.

Por sinal, licenciamento é um tema que esta Comissão precisa conversar até o final do ano, Deputado Andres Sanchez. Precisamos fazer um debate aprofundado aqui, porque a Confederação Brasileira de Futebol tem feito um trabalho para melhorar esse licenciamento. É preciso debater isso, considerar o que a CBF tem pensado sobre esse novo processo de licenciamento. Acredito que esse é um tema que realmente vai trazer um bom debate aqui.

O futebol inglês é o campeão no quesito finanças. O total de sua receita é de 23 bilhões; seguido pelo espanhol, de 12 bilhões; o alemão, de 11 bilhões; o italiano, de 8 bilhões e o francês, de 6,4 bilhões. Estes cinco países são chamados pela consultoria (*Ininteligível.*) de Big Five. Eles representam um pouco mais da metade das receitas obtidas pelo futebol em todo o continente europeu. Embora, não haja valores, concluí que as receitas do futebol nacional estiveram longe de alcançar os números desses campeonatos europeus. Mesmo assim, na série A e B do campeonato brasileiro, segundo nossa pesquisa, as receitas dos direitos de transmissão giraram em torno de 1,5 bilhão. Somados aqui aos campeonatos estaduais, regionais e à Copa do Brasil, esse valor chega próximo a 2 bilhões. As receitas de bilheteria dos campeonatos brasileiros das séries A, B, C e D, além da Copa Brasil, das competições regionais, dos clubes brasileiros, das competições internacionais e dos campeonatos estaduais, totalizam cerca de 750 milhões.

Com mais de 600 milhões de receita de patrocínio, o total movimentado pela economia de futebol do Brasil chega a 3,4 bilhões, numa metodologia similar a do estudo realizado pela empresa (*Ininteligível.*) do futebol europeu. Esses são os dados



que chegaram até nós, mas certamente podem ser atualizados ou aprofundados para mais ou para menos. Eu não sei.

Esses cálculos, embora aproximados, sevem como parâmetro para estimar as receitas totais do futebol brasileiro e para compará-los com a dos principais países europeus. Com base nesses números, o futebol espanhol tem uma movimentação econômica quase quatro vezes maior do que a do brasileiro. A Espanha tem um PIB 50% menor que o do Brasil, segundo dados do Banco Mundial.

Tendo em vista nossa paixão pelo esporte, não se justifica tal diferença entre o tamanho e as economias do futebol. Esse simples exemplo demonstra que o futebol brasileiro tem um enorme potencial de crescimento.

O mercado existe — certamente existe — o que falta na verdade é explorar melhor. Eu acredito que é isso que se busca sempre, melhorar. É por isso que o futebol brasileiro deve melhorar cada vez mais suas estruturas, especialmente os braços existentes no futebol, como o papel de cada. Os principais atores do futebol são: a Confederação Brasileira de Futebol - CBF, as Federações, os clubes, os atletas, os treinadores, os árbitros e obviamente o Governo, no seu papel limitado, que pode atuar em diferentes esferas. Há questões como calendário, regulamentação, regulamentos de competição, licenciamento, eleições nas entidades esportivas, demonstrativos financeiros, entre outros.

Esses são apenas alguns dos tópicos que sempre precisam de melhora, de maior definição, a melhor transparência e clareza no processo. Tudo para dar mais transparência, como eu disse, e credibilidade a todo esse produto chamado futebol. É imprescindível escutarmos a totalidade de temas econômicos que envolvem o esporte. Valorizar o futebol é valorizar o Brasil.

Estou absolutamente convencido de que apenas um debate organizado e fundamentado no conhecimento especialista do tema — como a que temos aqui com representantes de entidades esportivas — pode estruturar ideias, planos, estratégias de atuação e proposição legislativas que possam aprimorar de forma sustentável a vertente econômica desse patrimônio de todos os brasileiros.

Estou honrado com a possibilidade de estar ao lado dos nobres pares e recebendo o apoio de V.Exas. para contribuir para o desenvolvimento do futebol.



Concluo agradecendo a acolhida e a atenção dispensada pelos senhores e senhoras. Desejo um excelente 3º Fórum Legislativo a todos os participantes que estão nos ouvindo.

Muito obrigado.

Antes de dar continuidade, gostaria de registrar a presença de alguns Parlamentares e autoridades.

Encontra-se presente o Vice-Presidente da CBF, Marcus Vicente. S.Sa. é membro do nosso Partido Progressista. Também está presente o Presidente da Federação Amapaense de Futebol - FAF, Roberto Góes, que muito bem representa aqui as federações. Registro também a presença do Presidente do Sindicato Nacional das Associações de Futebol Profissional e suas Entidades Estaduais de Administração e Ligas, Mustafá Contursi. Agradeço a presença do Presidente da Federação de Futebol do Distrito Federal - FFDF, Daniel Vasconcelos. Ao longo dos nossos fóruns, chegarão Deputados e os representantes de Federação do Brasil inteiro. Agradeço sempre a presença de vocês, que fazem parte desse mundo mágico do futebol e com ele contribuiu.

Dando seguimento ao primeiro tempo do nosso Fórum, passo a palavra ao nosso querido ex-Deputado Walter Feldman. S.Exa. tem pelo tempo de 20 minutos para nos ajudar neste Fórum.

O SR. WALTER FELDMAN - Muito obrigado, Deputado Mário Negromonte Jr. Agradeço o convite feito pessoalmente e presencialmente. V.Exa. foi até o Rio de Janeiro, à sede da CBF, e esteve conosco, com o Presidente Marco Polo e falou sobre a necessidade de uma representação neste importante Fórum do qual já participei no ano passado. Já tenho participado de vários eventos aqui da Comissão de Esportes, onde sempre represento a CBF como instituição.

Quero cumprimentá-lo pela elegância, por essa sobriedade doce do baiano. Essa figura extraordinária que sabe fazer política, que sabe fazer gestão, é uma expressão forte do jeito de ser do nosso brasileiro. Muito obrigado pela oportunidade.

Quero cumprimentar o Amarildo. Iranduba é um exemplo extraordinário de futebol feminino. Vou deixar depois o Deputado Andres falar depois sobre o futebol feminino e sobre as dificuldades dessa modalidade — já que não é o futebol masculino e o feminino, são modalidades diferentes e assim devem ser interpretadas, na sua



grandiosidade, no seu papel, na sua capacidade inclusive. O Iranduba talvez seja um dos grandes exemplos nacionais. Diria que o Iranduba e o Santos são clubes que têm se destacado, afora outros, e durante anos têm feito esforços, apesar das dificuldades, para se colocar não apenas no futebol, mas no mercado do futebol, conquistando apoio, patrocínio e condições de sustentabilidade financeira.

Queria também cumprimentar, e fiquei muito feliz de revê-lo aqui, o Luís Paulo Resenberg, com quem tivemos muitas discussões, com o Deputado Andres Sanchez, na conquista do Estádio próprio do Corinthians, falamos tanto sobre o Pacaembu, e eu ainda sonhava que ele pudesse ser o estádio-sede do Corinthians, mas a história não permitiu. Sei que o Deputado Andres Sanchez e o Luís Paulo estiveram várias vezes com essa perspectiva e hoje eu lamento, porque não sei qual será o futuro daquele estádio sem um clube profissional, consistente, na cidade de São Paulo, já que os grandes clubes já têm o seu estádio. Talvez o Santos.

Depois trabalhei muito para o Santos, já que a torcida dele na cidade de São Paulo às vezes é mais expressiva do que a torcida na cidade de Santos. Talvez seja uma saída para um estádio que tem uma simbologia e uma história que honram o nosso futebol.

Quero cumprimentar o Rodrigo, com quem já conversamos um pouco; quero cumprimentar a Silvana, e todos que vão participar deste debate. Meus companheiros aqui, o Roberto Góes, o Marcus Vicente e o Andres Sanchez, sempre presentes nas reuniões da Comissão do Esporte; meu amigo Mustafá Contursi, é um patrimônio do Palmeiras e do futebol brasileiro; e o Daniel, que aqui representa o futebol de Brasília.

Citei alguns, há muitos outros, mas quero apenas dar uma dimensão da integração entre aqueles que estão aqui, falando oficialmente, e esta presença muito expressiva no nosso plenário.

Querido Presidente, Mário Negromonte, a CBF, há 3 anos, tem feito um diagnóstico, mas tem operado resultados, eu diria, bastante consistentes, reformistas e, em alguns aspectos, até revolucionários, para podermos nos inserir, não apenas com a compreensão mais adequada no que eu chamaria de a “cadeia produtiva do futebol”. Ou seja, qual o nosso papel como dirigentes do futebol? Como podemos, de forma integrada — com federações, com clubes, com torcedores, com os atletas, com aqueles que representam, são os protagonistas de todo o futebol —, interpretar aquilo



que é mágico na nossa história, que é a paixão pelo futebol, mas também o que isso pode significar em termos de geração de emprego, de renda e de visibilidade internacional?

Dá para dizer que o Brasil deu certo no futebol. É lá que nós nos colocamos como vanguarda de um processo de integração com a cultura, com as raízes dos povos, com a continuidade de uma história e com a programação para o futuro. Se há algo em que o Brasil se realizou do ponto de vista planetário, foi no futebol. Então nos cabe preservar essa história, conservá-la, dar saltos em relação ao futuro e colocá-la na dimensão financeira, econômica, administrativa e de gestão que hoje o futebol moderno exige.

É nesse sentido que nós estamos construindo essas mudanças. Fizemos, nos últimos 3 anos, um novo processo de governança. Sr. Luís Paulo, eu sei que ainda não nos visitou — faço questão de fazer esse convite oficialmente — para nos ajudar, inclusive, a pensar econômica-financeiramente essa questão, mas nós mudamos a governança, introduzimos expediente de *compliance*, de ética, de transparência, de prestação de contas, e esse processo vem sendo desenvolvido nas federações com forte estímulo para que os clubes que ainda não o fizeram também o façam.

As normas de licenciamento talvez sejam o momento final de generalização desse sistema de tal forma que não pode haver mais diferenças entre o comando nacional, aqueles que comandam do ponto de vista estadual o futebol, e os clubes, na sua dimensão profissional e amadora, e também, por via de consequência, na sua dimensão social, a dimensão de integração das comunidades, um conjunto de papéis que poucas outras atividades podem exercer no nosso cenário cultural e histórico como o futebol consegue realizar. Falta pensá-lo de maneira mais holística e mais integradora. É sob esse ponto de vista que nós estamos tentando construir o nosso futuro.

As normas de licenciamento, como o Deputado Mário Negromonte Jr. acabou de dizer, já começaram a ser implantadas neste ano. Elas dispõem de regulamentos, normas e exigências para todos os clubes profissionais do Brasil, a começar os da série A, eu não diria impondo, mas em um processo educativo de convencimento, na fase inicial, mas também com sanções, se aquelas recomendações e indicações não forem seguidas. Isso diz respeito à questão administrativa.



Nós temos de ter uma governança profissional no futebol. É uma dissintonia. Eu conversava com o Deputado Andres Sanchez sobre isso. Como é possível haver dirigentes não remunerados que dedicam não apenas parte ponderada do seu dia, mas da sua noite e do seu final de semana e não são remunerados? Ou seja, é uma contradição pela existência histórica dos clubes de futebol associativos e não sociedades empresariais, que conquistaram as suas isenções, questões que foram trazidas do passado, mas que não foram interpretadas na sua transição para a modernidade como necessárias para poder dar andamento a um sistema que exige, cada vez mais, competência técnica, gestão profissional e dedicação exclusiva. Não dá para realizar essa tarefa sem essas condicionantes.

Então, nós vamos trabalhar no licenciamento com questões de ordem administrativa, financeira, jurídica, esportiva e de infraestrutura. Ou seja, os clubes terão que apresentar resultados nesses cinco expedientes. Isso significa ter estádios adequados, ter acompanhamentos de ordem jurídica que sejam feitos em decorrência do cumprimento da lei e não do jeitinho, ter o *fair play* financeiro em todas as atividades de tal forma que receita e despesa estejam sempre equilibradas, não podendo comprometer as gestões do futuro. Como nós sabemos, muito ocorreu na nossa história, no nosso País, levando a dívidas impagáveis, parcialmente ou em grande parte, sendo equacionadas, pelo menos, com o PROFUT e com o REFIS, que se repetiram durante vários períodos, mas algo que exige cada vez mais, nós compreendemos, a realidade.

Ontem nós recebemos alguns clubes na sede da CBF, e eles se lamentavam de gestões temerárias do passado, nas quais os dirigentes não foram responsabilizados, não foram punidos, mas deixaram um passivo impossível de ser solucionado em curto prazo. E essas gestões que hoje compreendem essa nova realidade têm que ainda amargar a logística de trazer esse passivo para o presente, solucioná-lo e encaminhar resposta do ponto de vista da melhoria das condições técnicas e do resultado em campo, que muitas vezes não pode acontecer se não houver a sustentação financeira adequada.

Eu vou pedir para que o nosso pessoal técnico nos ajude na exposição. É um rápido material que quisemos colocar neste pouco tempo possível, tendo em vista a qualidade de todos os debatedores, para mostrar um pouco o esforço de como a CBF



vem trabalhando, interpretando essa realidade, fazendo a sua lição de casa, mas contribuindo para que os outros grandes protagonistas do futebol, particularmente clubes e federações, possam também, em cadeia, cumprir esse novo papel. Então, nós compreendemos essa dimensão. Há uma cadeia de valor do futebol brasileiro, e todos os elementos dessa cadeia têm que cumprir o seu papel, senão ela não constrói a sequência adequada e necessária.

(Segue-se exibição de imagens.)

Há aí, então, alguns números, eu diria, corroborando as informações dadas pelo Deputado Mário Negromonte Jr. O valor total das receitas de clubes foi em torno de R\$ 4,9 bilhões, em 2016. Grande parte vem originária dos direitos de transmissão. A Rede Globo de Televisão é uma fonte fundamental na sustentação particularmente da série A, da série B e também da Copa do Brasil, mas as séries C e D, os campeonatos amadores, o feminino — que tem um apoio importante proveniente da Caixa Econômica Federal —, dos patrocinadores da CBF, particularmente da Seleção Brasileira ou das seleções brasileiras, que, através do seu aporte, sustentam a gestão das seleções, mas, fundamentalmente, nos dão condições para que parte ponderável desses recursos seja destinada à manutenção das outras competições.

Há 5 anos, a Confederação Brasileira de Futebol — CBF, Deputado Góes, tinha seis competições nacionais ou regionais. Hoje nós temos 17 competições, caminhando para 20, sempre estimulando o futebol de base, o crescimento do futebol feminino — todos eles desdobrando em outros campeonatos —, e a manutenção, diria, quase integral das Séries C e D, que são a base de início de funcionamento do futebol brasileiro como um todo, hoje, com a Série D, com 68 clubes espalhados em todo o território nacional. Essa é uma característica do futebol também, Luís Paulo, é essa capacidade bandeirante, integradora das fronteiras, fazendo com que ela atinja todos os recantos do País, incluindo Rondônia e Acre. Não existiria Futebol, se não fosse esse mecanismo integrador hoje realizado pelas competições e pela Confederação Brasileira de Futebol.

O patrocínio, como está lá, além dos direitos de transmissão, que são de 11% — claro que cada clube tem a sua própria realidade —, tem ainda uma parte da transferência de atletas, que dá uma um percentual adicional. Esse é um dado importante. Mesmo na crise, o futebol brasileiro não teve descontinuidade das suas



fontes de financiamento, nem decresceu, como grande parte da indústria, do comércio, do serviço e mesmo do setor agrícola que teve vários abalos nesse período complexo da nossa vida política, econômica. O futebol, apesar de tudo, seguiu e cresceu. Eu dou um exemplo da Copa do Brasil, que, no decorrer dos anos, o aporte era em torno de 100 milhões e nós vamos começar 2018 com um recurso elevado, superior a 300 milhões. Com um pagamento de prêmios nunca existente na história do futebol, o campeão brasileiro da próxima Copa do Brasil vai ganhar 50 milhões, que é exatamente correspondente, fora a questão do câmbio, ao *Champions League*, ou seja, um valor extremamente relevante. Mas são os avanços que aconteceram nesse período difícil.

Esse dado em relação à participação do Produto Interno Bruto — PIB, há alguns anos falava-se em 0,2%, Luís Paulo — depois, talvez, você tenha também elementos adicionais em relação a isso e Rodrigo, que sei também tem estudado muito essa matéria. Falava-se no PIB de 0,2%. Hoje nós já falamos em 0,4%, quando sabemos que outros países, e há aí alguns números, como os Estados Unidos, 2,1%, a Alemanha, 1,5%, a Inglaterra, 1,8%, e a Austrália 2,3, mostrando que exploram de maneira mais adequada. Claro que são dimensões diferentes, não dá para comparar o tamanho de uma Inglaterra, de uma França, de uma Itália, de uma Espanha com o Brasil.

E também um fato importante que nós identificamos, nos 2 últimos anos, é essa incapacidade que o Brasil teve que exportar o seu futebol de clubes para o mundo, algo que os clubes da Europa já tinham diagnosticado, pelo menos, há 20 anos. Eles se estruturaram, do ponto de vista de mercado, produziram um *marketing* adequado, exportaram os seus valores, muitas vezes, sem exportar o time, mas exportaram os seus valores, particularmente por causa da venda dos direitos de transmissão. Se nós estamos 20 anos atrasados, nós vamos recuperar esse tempo perdido. Hoje a CBF, muito articulada com os clubes da Série A, estamos preparando uma ida ao mercado internacional para vender os direitos de transmissão, recuperar no tempo uma parte daquilo que foi perdido, mas mostrar qualidade, as condições que temos de ocupar parte desse mercado.

Rapidamente — eu não vou entrar em detalhes —, mostrarei a complexidade dessa cadeia de valor do futebol e como que vários atores têm que trabalhar de forma



integrada, além da CBF, federações e clubes. Há a participação, que pode ser bastante expressiva, dos torcedores que, nos últimos anos, foram muito bem atraídos através do sistema do sócio torcedor. Os clubes trabalharam corretamente nessa incorporação da participação ativa e financeira dos sócios torcedores, mas há uma série de outros mecanismos que começam a ser pensados, como licença de produtos, em que os clubes também têm trabalhado bem nos últimos anos. Alguns clubes começam a produzir suas próprias camisas, portanto, auferem lucros e recursos maiores do que auferiam quando vendiam o patrocínio para uma determinada empresa produtora de material esportiva, ou seja, há uma série de mecanismos que começam a mudar as regras do jogo e a permitir que, com um diagnóstico muito benfeito, muito bem preciso, nós possamos dar a ação necessária, a operacionalização integrada, para que o mercado doméstico possa dar uma contribuição maior.

Mas também compreendamos que há um limite. Por mais que façamos, Sr. Luís Paulo Rosenberg, há um limite. O mercado europeu percebeu que esse limite poderia ser buscado de forma complementar no mercado externo. Vou dar um exemplo: a Premier League recebe, do ponto de vista de fontes, de financiamento, 50% de todos os recursos no mercado inglês e 50% no mercado externo, ou seja, não é possível que nós sempre achemos que o mercado doméstico abastecerá e criará condições de competitividade com o futebol europeu naquilo que é necessário, que seria a base da nossa retomada de poder no mercado internacional: manter os nossos jogadores e não permitir a sua saída precoce, que é o que acontece nos dias de hoje.

Já falei por 15 minutos?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Vai haver a tolerância.

O SR. WALTER FELDMAN - Falarei rapidamente, Presidente.

Só quero dizer que nós estamos hoje com um trabalho muito profundo com o apoio da Ernst & Young e de vários profissionais de consultoria, que fazem um diagnóstico qualitativo e quantitativo do nosso futebol brasileiro. E estamos criando um plano de transformação do futebol, o que já vem ocorrendo com todas essas mudanças de governança de interpretação da realidade, mas também com a dimensão e a compreensão econômica que isso exige. Uma série de medidas dentro



desse parâmetro vem sendo tomada, mas eu vou deixar isso para depois a fim de que o debate possa dar uma contribuição adicional.

Agora, rapidamente, relato aquilo que foi feito nesse período para mostrar que nós estamos prontos, como qualquer empresa privada, para competir neste mercado extremamente disputado. Aqui eu mostro o que foi feito nesse período: começa-se a gestão, houve o Comitê de Reformas com amplo processo de participação, em 2016 foram consolidados os grandes avanços em 2017, houve a preparação da ida ao mercado internacional e a extração do que há ainda de possibilidade do mercado doméstico.

Sempre houve o respeito à legislação existente, há uma relação cada mais próxima e transparente com os patrocinadores. Respeitamos os instrumentos, como o Pacto pelo Esporte, a relação com a FIFA e a CONMEBOL, mas sempre houve os parâmetros de boa governança e introdução definitiva do *compliance*.

Aqui mostra como nós evoluímos — ouviu, Sr. Rodrigo? Nós estávamos num processo muito reduzido de instrumentos de governança. Hoje, com mais de 50 instrumentos que foram apresentados, sugeridos e debatidos com a Ernst & Young, nós estamos a 82% da conclusão do nosso trabalho. A CBF já é colocada como uma empresa que se caracteriza como moderna, comparada às outras atividades privadas em nosso País.

Ocorreram 52 planos de ação, a grande maioria já está finalizada, mas ainda há uma fase de complementação e finalização.

Senhores, é esta a apresentação inicial para contribuir com o nosso debate.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Pois não, Deputado, fique à vontade.

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - O bom é que não se precisa ganhar quarta nem domingo, (*ininteligível*). Se tivéssemos que ganhar quarta e domingo, íamos ver como era duro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Falou o nosso Deputado Andres Sanchez, acho que comentei, mas não registrei o seu nome. S.Exa. é o nosso mestre. Eu coloquei os óculos porque eu não estava vendo, ouviu, Deputado Andres Sanchez? V.Exa. foi o Presidente do Corinthians, eu tenho o maior respeito por V.Exa. mas o nosso coração está com o ex-Presidente do nosso time, do



Palmeiras, o Sr. Mustafá. Eu peço desculpas, Presidente, por não tê-lo reconhecido, eu estava sem os óculos, não dava para eu ver direito.

Também quero registrar a presença do Sr. Daniel Vasconcelos, Presidente da Federação de Futebol do Distrito Federal, do Prof. Luís Otávio, da Universidade Católica e também dos nossos palestrantes do segundo tempo: o Sr. Luís Paulo Rosenberg, economista e consultor, muito conhecido aqui, fez um trabalho de destaque juntamente com o Deputado Andres Sanchez e com outros parceiros.

Também quero agradecer pela presença do Dr. Rodrigo de Castro, doutor em Direito Comercial, que vai nos abrilhantar no segundo tempo, e da Dra. Silvana Goellner, Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Também quero registrar a presença do Vice-Prefeito de Cruz das Almas, da Bahia, futebolista. Pelo porte dele, dá para perceber que S.Exa. é lateral esquerda de Cruz das Almas. Quero agradecer a sua presença conosco participando do fórum.

Então, dando continuidade... Informo que estaremos sempre registrando a presença dos que forem chegando e participando conosco.

Vou passar a palavra agora ao Sr. João Amarildo Dutra, Presidente do Esporte Clube Iranduba da Amazônia, de futebol feminino. V.Sa. dispõe de 20 minutos, mas, se precisar, há uma tolerância.

O SR. JOÃO AMARILDO DUTRA - Boa tarde a todos! Quero prestar agradecimentos ao nosso Deputado Mário Negromonte Jr. pelo convite. Para mim foi uma grata surpresa. Eu não estava esperando este convite na data de hoje. Agradeço também a presença dos feras do futebol do Corinthians, do Palmeiras, de Macapá, da Bahia e do Distrito Federal.

Vamos lá. Até 2010, em junho, eu era neófito em futebol feminino. Só queria saber de futebol masculino. De repente, eu recebi o convite para que pudéssemos colocar um time de futebol feminino no campeonato amazonense.

Eu confesso que não recebi assim com muita gratidão. Foi uma surpresa também para mim. Cheguei à minha casa e para a minha mulher foi pior ainda. Ela disse: "Futebol feminino? Já mudou? Você disse que era masculino". Eu a expliquei que, no Amazonas, desde 2006, não tem nenhum clube que disputa a Série C. Então, há uma vasta oportunidade de que, se algum clube surgir, aproveite esse caminho. Se fundarmos um clube masculino para disputar a Série C, no mínimo, levará 2 anos



para subir, mesmo com investimento e se ele for campeão no primeiro ano, porque ele só vai disputar na competição do ano seguinte.

No futebol feminino é diferente, foi exatamente isso que me inspirou, ou seja, o investimento e a mudança da coisa. Se o clube ganhasse o campeonato estadual, no mesmo ano, iria disputar a Copa do Brasil. Seria uma oportunidade, porque o clube estaria surgindo, apareceria e chegaria à semifinal. Queríamos ver no que vai dar.

Em 2010, eu estava no clube, era o São Raimundo, na época, que estava no auge do futebol. Eu era da categoria de base do São Raimundo. Quando me fizeram o convite para o futebol feminino, aceitei. Montamos o time de futebol feminino do São Raimundo, fomos campeões estaduais, disputamos a Copa do Brasil e chegamos entre os oito. Dava para ter o gostinho de chegar à semifinal. Só que o meu objetivo era chegar no futebol profissional. Quando houve a eleição, eu fiz a proposta para assumir, mas não chegamos a um consenso. Obviamente que eu estava pensando no plano B. Ou seja, pensei que independentemente de ter ou não, eu saberia como reagir. Enquanto isso, eu já tinha pegado o caderno de cargos da CBF, estava analisando o que era preciso fazer, caso a resposta fosse negativa, no final do ano, para continuar no São Raimundo.

Como ela foi negativa, já estava tudo preparado, inclusive o Estatuto já estava encaminhado. Tanto é que o Esporte Clube Iranduba da Amazônia foi fundado no dia 18 de janeiro. Em abril, já estava com o CNPJ. Demos entrada na Federação Amazonense, entramos na CBF, foi tudo muito rápido, até porque também eu sou contador. Eu saí na frente, trabalho em empresa privada há mais de 30 anos. Tudo isso facilitou a minha experiência no dia a dia. Montamos o time em 2011. O Iranduba divide-se em dois ciclos. Os primeiros 5 anos houve um ciclo, a partir de 2016, o segundo ciclo. Nós decidimos dividir este ciclo até 2020. Por quê?

Nesse primeiro ciclo, ainda hoje o Iranduba não tem estrutura. Isso pode ser surpresa para vocês, mas é verdade. O Iranduba não tem nenhuma estrutura que seja patrimônio dele, patrimônio do clube. Hoje são os torcedores e as pessoas que trabalham, esse é o nosso patrimônio. Até falei com a professora, antes de vir, que quando nós aplicamos a ferramenta do *(ininteligível)* no Iranduba, nós tínhamos apenas duas forças, exatamente entendermos o conceito da *expertise* e gerir



peçoas. O ponto fraco, a ameaça e a oportunidade eram “folhas” para depois, analiticamente, vemos o que era prioridade.

(Segue-se exibição de imagens.)

Nessa visão, que já vem a ser o segundo momento do clube, pretendemos “*ser o Clube de excelência no futebol feminino do Brasil até 2020*”. E a nossa missão é “*Ser o Clube modelo de gestão do futebol feminino do Brasil até 2020, implantando, identificando, desenvolvendo e retendo talentos das categorias de base, potencializando a eficiência operacional no futebol, consolidando a marca e envolvendo os desportistas, patrocinadores, parceiros, torcedores, o orgulho e paixão pelo futebol*”.

Até hoje, de 2007 para cá, nenhum time profissional mexeu com a torcida. Por que o Clube Iranduba apareceu com o feminino? Exatamente porque deram oportunidade para nós, e já tínhamos identificado essa oportunidade.

Os nossos valores são: integridade, comprometimento, superação de resultados, sustentabilidade e melhoria contínua. Quando se chega à sustentabilidade, eu acredito que 2018 tem que ser o ano em que o Iranduba, que o futebol feminino tem que atingir o ápice da sua sustentabilidade. Vocês vão entender o porquê.

Como surgiu toda essa evolução, de 2017 para cá? Primeiro, a imprensa acreditou no nosso projeto, e isso foi muito importante, e, segundo, o próprio torcedor. Isso fez com que consolidássemos o Iranduba nesses dois anos como referência no futebol feminino, não só regional.

Destaque e reconhecimento da mídia nacional. Tivemos, inclusive este ano, após o feito das semifinais do Campeonato Brasileiro, uma série de reportagens internacionais.

O retorno do torcedor amazonense aos estádios.

Transmissão de jogos via *web*, TV e rádios. Em dezembro do ano passado, nós tínhamos na *fanpage* do clube apenas 3 mil seguidores, hoje nós temos quase 16 mil.

Diversas publicações. Página principal da CBF, SPN, UOL, EBC, *Globo* e revista *Placar*.



Também fomos o primeiro clube feminino a jogar na Arena da Amazônia — veja que foi inaugurada em 2014 e apenas em 2016, quase dois anos depois —, com o Corinthians, inclusive, houve recorde de público, de mais de 8 mil pessoas, em noite de chuva. O Corinthians estava muito bem, e sempre está muito bem em competições, tanto é que venceu em duas competições recentes. Isso também trouxe atratividade ao nosso torcedor, carente de assistir bons jogos com clubes de fora.

A seguir as conquistas que nós realizamos — estaduais, basicamente. São sete campeonatos, completam-se sete anos em janeiro. Investimos também, a partir de 2016, no futsal, onde conseguimos título na categoria adulta, sub-17 e sub-20. Nós também disputamos a Copa do Brasil este ano. No futsal fomos vice-campeões. Ano passado o Ministério do Esporte criou o sub-20, e também fomos vice-campeões. Perdemos o título na Arena da Amazônia, com 17.322 pessoas, numa sexta-feira, com entrada grátis para assistir à partida. Contra o Corinthians o ingresso foi pago, no Campeonato Brasileiro a partida é paga.

A adesão do torcedor. O que chamou a atenção? O jogo contra o Adecó, no ano passado, deu 17.322 pessoas. Com o Santos, na semifinal do Brasileiro — isso uma semana depois de termos jogado com o Flamengo, o que eu não coloquei aí. No jogo com o Flamengo nós já batemos o recorde do Brasileiro Feminino, que era contra o Corinthians, com público de 8 mil pessoas, e passamos de 15 mil no jogo com o Flamengo —, pelo sorteio, nós tivemos que fazer o jogo em Manaus e colocamos mais 25 mil pessoas, também com ingresso pago.

Somando os nove jogos que tivemos em Manaus... Nós tivemos um contratempo em Manaus. No ano passado, nós realizamos cinco partidas em Manaus e choveu todos os dias. Este ano, nos três primeiros jogos também houve chuva, nos outros seis não, ainda bem que melhorou. Mesmo assim, conseguimos levar público.

A *fanpage*, como eu disse, tem quase 16 mil seguidores, aumentou de 3 mil para 15 mil em um ano.

A decisão do futebol feminino profissional teve mais público do que o masculino nos dois jogos.

Também conseguimos vender, este ano, 2 mil camisas no Brasileiro, em 4 meses. Se tivéssemos chegado à final, independentemente de ser campeão ou não... Primeiro atingíamos um público de 40 mil e poucas pessoas, independentemente de



chover ou não, isso era fato. Segundo, as camisas eu acho que chegavam a 10 mil, porque, como foi bem colocado pelo Dr. Feldman, hoje não temos patrocinador de material. Em contrapartida, se tivéssemos, eu acho que não estaríamos ganhando em receita o que estamos ganhando vendendo 2 mil camisas. A gente atinge mais de 30 reais líquidos por camisa, porque, quando vão receber *royalty*, acho que os clubes não estão pegando acima de 30%. A gente vende a camisa oficial a 100 reais e tem 30 reais de lucro.

Como Iranduba não tem estrutura, o que a gente tem que fazer? Gestão de pessoas, simplesmente isso. Se a gente quer treinar, tem que alugar campo, se não se conseguir uma cessão.

Os nossos objetivos nós procuramos definir através da originalidade. As nossas metas são realistas. O nosso foco é sempre pautado em resultados positivos. É evidente que, quando ele não é positivo, nós temos um aprendizado. Só que há o outro lado: o aprendizado pode ser útil em parte, porque o que é verdade hoje, amanhã pode não ser. Então, nós não nos iludimos com isso, não. É a mesma coisa que dizer que eu mantenho a base do time que chegou às semifinais do Brasileiro, oito atletas do titular continuam, e vamos chegando que vem. Não é bem assim, não. Então, o que é verdade hoje, amanhã pode não ser.

Para o campeonato, as outras equipes estão também se reforçando. A nossa equipe tem que manter o pé no chão, treinar arduamente, continuar treinando. Vamos ver também como será o sorteio das chaves. Tudo isso reflete... Nós, por exemplo, não querendo justificar por não termos chegado a uma semifinal, sofreremos com a perda de atletas que foram para o exterior, não tinha como segurar, não tem como concorrer. Nós tivemos também outro ponto que pesou, em minha opinião. Das quatro equipes que chegaram às semifinais, a nossa equipe tinha a idade média de 22 anos. Então, eu posso estar enganado, mas, para mim, esse é um fator que pesa. Em minha opinião, nós demos mais trabalho para o Santos na semifinal do que para o Corinthians na final. Lá, dentro de Santos.

Este é o organograma do clube: o Presidente, os Vice-Presidentes Administrativo, de Comunicação, de Marketing, de Futebol e do Jurídico. Abaixo desses vêm a Diretoria, a Comissão Técnica e os Atletas. Não são mais de 60 pessoas. Esse é o nosso quadro. Uma pergunta que foi colocada é quem é



remunerado. São a Comissão Técnica, Atletas e o Departamento Médico. Os demais são voluntários mesmo que fazem o trabalho de formiguinha, que estão lá na frente, no dia a dia.

Nós criamos essa engrenagem desde 2011, porque foi exatamente de 2011 até 2013 a etapa de construção da base do clube. De 2014 até 2017 foi a etapa de aperfeiçoamento. Aqui, eu cito que 2018 é o ano que nós temos que ter esse preparo da sustentabilidade para consolidarmos a marca em 2021. Fazendo essa etapa de sustentabilidade, nós acreditamos que a visibilidade da marca em 2019 vai ser muito forte, assim como o aprimoramento em 2020, para, em 2021, já estar consolidado esse trabalho. Nós entendemos dessa forma.

Aqui, eu mostro a nossa Análise de Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças — SWOT. É uma coisa estratégica, mas eu não tenho por que também não mostrar para vocês, até para vocês entenderem. Hoje, eu entendo que o clube é uma marca forte do futebol feminino. Nós estamos muito bem ranqueados no *ranking* da CBF. Este ano, nós vamos passar para a sétima colocação, nós já fizemos as contas. Sabíamos do risco, mas, se fôssemos atentar para o risco, deixaríamos o dois a dois com o Santos e continuaríamos em sexto. Mas nós acreditamos que dava para chegar à final.

A nossa categoria de base Sub-20 é forte, muito forte. Nós tivemos conquista do título nas mídias sociais, parcerias com faculdades. Também temos atletas convocadas pela CBF nas categorias adulto e também Sub-20. Na categoria adulto, nós estamos com duas nessa convocação no Chile. Chegamos a treinar a penúltima. E, na Sub-20, cheguei a até cinco, em uma única convocação, sendo que todas as convocações, de fevereiro de 2016 até a atual, têm atleta do Iranduba no sub-20. No adulto, nas últimas sete convocações.

Nós temos pontos fracos: escassez de recurso, falta de estrutura, inclusive física, para desenvolver e reter talentos. Nós tivemos também um problema, nesses 5 primeiros anos, com atletas da região, a resistência do profissionalismo. Quando se pega da parte Sudeste, muda tudo. Houve uma quebra de paradigma, uma quebra de cultura, lá em Manaus.



Oportunidades. Nós temos bastante oportunidade. Por exemplo, criar projetos de incentivo ao esporte de alto rendimento. O Iranduba já adequou seu estatuto, agora em agosto, para atender as conformidades da Lei Pelé.

Estamos aptos para apresentar, a partir de fevereiro, o nosso projeto de incentivo.

Fortalecer parcerias com o Governo, com escolas, universidades e empresas. O nosso objetivo é também conquistar títulos de expressão nacional e internacional; explorar a baixa competitividade da modalidade e realizar intercâmbios, amistosos internacionais, atletas e etc.

Nós temos como objetivos também candidatar Manaus à sede da Taça Libertadores, em 2018; criar o programa sócio torcedor, que já está a caminho. Explorar a venda de produtos; participar de competições de jogos eletrônicos — esse é um outro leque muito importante para nós — e implantar a gestão de governança corporativa. Esse é um objetivo que tenho para o clube. Eu sei que é um desafio árduo, mas eu tenho esse objetivo.

Ameaças. Nós temos o cenário econômico e político de 2018; profissionalização e agressividade dos clubes da região; a valorização das atletas no mercado devido a implementação da Lei do PROFUT, pois os clubes das séries A e B, inclusive, por portaria da COMEBAL, a partir de 2019, serão obrigados a ter time feminino. Isso será uma concorrência forte.

O principal problema que a gente percebe no futebol feminino ainda é a ausência de calendário. Nós temos esse problema. Eu ouvi de atletas do Sudeste que foram jogar conosco este ano que estão saindo do clube porque não há vitrine para eles no segundo semestre. Não tem competição que agrade. Por exemplo, por que não tem Copa Verde também no futebol feminino? Poderia agregar os clubes do Nordeste que também não são muitos. Por que acabaram com a Copa do Brasil de Futebol Feminino? Acabou o calendário. Os clubes do Sul ainda tiveram um pouco de calendário porque o futebol paulista foi até a última semana de setembro.

O que eu achei importante para nós foi exatamente essa visão da cadeia produtiva que é complexa e dinâmica quando tem um jogo no Estádio. É a mão de obra direta e indireta de clube, de federação, do pessoal representante da CBF, dos estádios, serviço de transporte aéreo, terrestre, hotéis, supermercado, farmácia,



gráficas, impostos recolhidos para os Governos Federal e Municipal, envolvimento de transporte coletivo, ou seja, há toda uma cadeia envolvida no jogo, mesmo que seja o futebol feminino. Veja a importância que se tem quando se trata com profissionalismo também essa modalidade.

Este aqui é um ponto sobre o qual eu não poderia deixar de falar. Até setembro, o clube não tinha patrocinador *master* e nós conseguimos agora, devido ao resultado que tivemos no Brasileiro, um patrocinador que não só está remunerando, mas também oferecendo plano de saúde BRADESCO, plano odontológico, moradia, vale-alimentação. Elas têm tudo isso aí agora. E a partir de janeiro, elas passarão a morar em um dos condomínios mais caros de Manaus, tudo pago pelo patrocinador.

Todas elas estudam. Temos 22 bolsas de estudo em faculdade.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. JOÃO AMARILDO DUTRA - Não. A maioria, 95%, é do Sudeste.

Temos também convênio com hospital da rede privada.

O Iranduba não tem estrutura física, mas a gente consegue campo para treinar, consegue academia, consegue ter parcerias.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. JOÃO AMARILDO DUTRA - Noventa e cinco por cento. Nós temos hoje 26, mais ou menos 22 são de fora.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. JOÃO AMARILDO DUTRA - Dois mil. Tudo, tudo.

Eu quero agradecer a atenção. A parte que eu tinha a falar do Clube era esta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Presidente Amarildo, muito obrigado pela participação. É realmente um exemplo a ser seguido, principalmente por quem tem esse sonho de fazer futebol feminino. O futebol feminino é crescente, existe essa exigência de ter um time feminino para poder participar de competições internacionais. Então, tenho certeza de que haveremos de ter muitos debates aqui, no futuro, com outros times que vão seguir o seu exemplo de determinação. Tenho certeza de que o senhor ama tudo isso que faz.

O SR. JOÃO AMARILDO DUTRA - Com certeza.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Há muito amor, muito carinho e muita dedicação. Espero ver Iranduba campeão brasileiro. Quem sabe no próximo ano? Chegou perto...

O SR. JOÃO AMARILDO DUTRA - Chegou próximo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Que Deus possa iluminar o senhor nessa caminhada.

Queria registrar também a presença do nosso primeiro Presidente desta Subcomissão de Futebol, Afonso Hamm, que foi seu idealizador, entrou com requerimento para criar esta Subcomissão do Futebol, é do nosso Partido Progressista, está dando continuidade a esse brilhante trabalho e está aqui participando conosco.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Deixe-me fazer um comentário: depois de um bom, vem um melhor ainda. É sempre assim. *(Risos.)*

No Corinthians parece que é assim também: depois de um bom, de quem já foi, vem um melhor ainda, está aqui me dizendo o Feldman.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Já está bom de título. No próximo ano eu acho que o Palmeiras volta a ser campeão. Não é isso, Presidente Mustafá? *(Risos.)*

A Libertadores está bem, pode ficar com o Campeonato Brasileiro. Estamos interessados é na Libertadores.

Não havendo nenhum orador inscrito, podemos abrir o debate para quem quiser participar.

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - A CBF está de novo aí no futebol, depois de alguns anos para cá, então, a gente não precisa nem falar, porque todo mundo já tem conhecimento. Agora, eu fiquei impressionado com o Presidente João e quero lhe dar os parabéns. Se o futebol profissional é difícil, o feminino é muito mais. E quero dizer que realmente não é que o meu inimigo seja o feminino não, mas me dá um alento...

São todas registradas?

O SR. JOÃO AMARILDO DUTRA - Todas registradas em cartório.

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - Então, me dá um alento porque, realmente, é um trabalho bonito. Parabéns!



Para o que eu puder cooperar e ajudar, estou à disposição, porque isso aí é realmente um exemplo do futebol feminino para todo mundo. Então, quero dar os parabéns pessoalmente.

E não tenho pergunta, porque, como o senhor disse, tem que esperar até 2020, porque já tem um grande progresso e, com certeza, com as ideias que vêm será um dos melhores clubes do futebol feminino no Brasil, pode ter certeza disso.

Parabéns!

O SR. JOÃO AMARILDO DUTRA - Obrigado.

Nós vimos registrá-las todas depois que fechamos com o patrocinador *master*, a partir de setembro.

O SR. DEPUTADO ROBERTO GÓES - Obrigado, Presidente Mário.

Primeiro, quero agradecer a oportunidade e a presença do Walter, Secretário-Geral da Confederação Brasileira de Futebol, e do Presidente João Amarildo.

Eu tenho acompanhado a preocupação do Presidente da Subcomissão de Futebol na discussão do futebol como um todo, e eu vejo, é um testemunho nosso, fazendo parte da Presidência da Federação há muito tempo, que a CBF nos últimos anos se aproximou muito mais da sociedade. Existia uma distância muito grande, principalmente dos Estados menores da Federação, no Norte e Nordeste. A CBF se situava muito distante e era uma utopia ter essa aproximação da CBF na questão do futebol feminino, na questão do apoio aos clubes, na questão do apoio às Federações, na questão do social.

Hoje já existe programa bem forte, com parcerias e discussão dentro do Ministério do Esporte, com conversas com vários Governadores e Prefeitos interessados em adquirir e levar o *know-how* que hoje tem a CBF para os seus Estados e Municípios para formar cidadãos.

Quando vejo o exemplo trilhado no Amazonas eu fico feliz, porque é de pessoas assim que o futebol precisa. Muitas vezes, vemos muita discussão, vemos as pessoas jogando muita pedra, procurando muito os defeitos. Mas fui presidente de clube pequeno, sei que o nosso futebol é muito grande, mas a realidade do clube do Amazonas é totalmente diferente daquela que existe no Amapá e em outras regiões, e não conseguimos evoluir. Temos os nossos campeonatos femininos, tanto de base como profissional, mas ainda não conseguimos nos atrelar.



Sai como sugestão daqui a Copa Verde inserir também o campeonato feminino. É uma discussão que vem sendo feita pela CBF, pelo Ministério do Esporte e pelo Ministério do Meio Ambiente.

Também participo da discussão dos clubes maiores, como Corinthians, Vasco, Flamengo, Botafogo, Palmeiras e tantos outros. Eles também têm os mesmos problemas. Às vezes a gente analisa o futebol como um todo: são vários jogadores, vários clubes, mas infelizmente só alguns aparecem. E dos Estados mais distantes, logicamente, são os que menos chegam.

Eu faço esse reconhecimento de viva voz dessa participação efetiva da CBF porque presenciei, Walter, outras gestões. Assim como eu, o Deputado Andres e o Mustafá também sabemos que a CBF está muito mais próxima dos clubes.

Esta discussão de levar os nossos clubes, o futebol brasileiro para outros países já acontece aqui. Nós temos aqui os clubes portugueses e espanhóis vendendo muito mais produtos do que os brasileiros. Há clubes europeus que são muito mais conhecidos do que nossos clubes brasileiros.

Então, essa é uma iniciativa louvável. Eu tenho certeza de que esse fórum se fortalece cada vez mais. É uma reunião simples, Sr. Presidente, mas que, com certeza, tem um significado importante para todos nós que vivemos e convivemos no futebol.

Cada um tem sua experiência. Eu, com uma federação pequena, mas o Deputado Andres já participou da Diretoria da CBF e já foi Presidente de um dos maiores clubes do Brasil. O João veio lá do Amazonas, com dificuldades, pois pegar um voo lá do Amazonas para trazer a garotada para jogar em São Paulo tem um custo altíssimo de passagens. Se não houver apoio da CBF, dos governos, das Prefeituras, e principalmente dos empresários que devem investir, com certeza, é inviável.

Parabenizo, mais uma vez, a sua disposição e a disposição da CBF de sempre estar presente nos grandes debates desta Comissão.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Dando continuidade, tem a palavra agora o Deputado Afonso Hamm, que também quer participar do debate.



O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Em primeiro lugar, quero fazer um cumprimento especial ao nosso Presidente, Deputado Mário Negromonte Jr., que faz essa sucessão em relação à nossa Subcomissão Permanente.

Isso é um posicionamento que foi criado, continua e é ampliado, no sentido de que esta Subcomissão é permanente. Se não me falha a memória, são apenas duas Subcomissões Permanentes. E uma terceira não é permanente, mas é escolhida por determinado prazo.

Então, significa que aqui na Câmara Federal nós, da Comissão do Esporte, priorizamos um tema que muitos dizem que já está resolvido e que há pouco para se fazer. Na verdade, há, sim, muita participação e muita contribuição. É grande o grau de contribuição da participação dos Parlamentares que se dedicam à Comissão do Esporte e, em especial, à questão do futebol.

O fórum até já propicia os debates, como o debate sobre futebol feminino, que é um tema que movimenta, mas é um desafio para organizar e torná-lo rentável, atrativo. Isso já ocorre em grande escala. Há uma dificuldade de vender o televisionamento, porque é um gargalo. No futebol masculino não temos essa dificuldade. Pelo contrário, nós temos hoje até uma situação de quem vai ao estádio e de quem assiste pela TV.

Quando se fazem os calendários, as competições são feitas primeiro, vende-se primeiro o direito da televisão. E estamos convivendo com estádios, com exceção de finais de grandes jogos, que ainda sobra muito espaço nas arquibancadas. Às vezes se vê na transmissão de um jogo da Série A ou das Séries B, C ou D que há pouca presença no estádio. Então, acho que esse é um desafio.

Quero cumprimentar o Walter Feldman, que é um grande gestor. Talvez ele com o passar do tempo, quando um dia não estiver mais na CBF, e as pessoas percebam a importância do papel de um grande gestor no momento de maior dificuldade político-administrativa da CBF. E se imaginava que a CBF iria sucumbir. No entanto, mesmo com as dificuldades de seus Presidentes — cada um deles vai ter a oportunidade de responder nas instâncias se houve injustiça —, nós acreditamos que a justiça será feita com o passar do tempo. Na verdade, nós precisamos de uma CBF fortalecida.



Eu quero comentar com todos que estão nesta reunião, com todos os colegas Deputados e assessorias, que o exemplo de uma gestão de grande turbulência foi a gestão do treinador, sem demérito aos treinadores anteriores, mas observem que todos são gaúchos. Antes, foi o Felipão, meu treinador — tive a felicidade de ser treinado por ele e de ter sido vice-campeão pelo meu time do coração, o Xavante; depois, o Dunga, amigo pessoal; e agora o Tite. Observem de onde saiu a posição de classificação do Brasil, porque nós estaríamos chorando a desclassificação ou a classificação no limite.

Na verdade, a CBF, por meio da sua gestão e naturalmente com o compartilhamento de todos que têm as suas ações e influências, deram liberdade à comissão técnica — isso é sabido — e deram as condições necessárias para hoje estarmos no patamar em que estamos rumo à Copa do Mundo na Rússia. É importante valorizar isso.

Segundo, eu tenho ainda um desafio importante sobre o qual eu comentei há pouco fora do microfone e agora eu gostaria de compartilhar aqui. Eu tenho vontade de liderar esse processo em relação ao apoio à base, porque um dos esteios do futebol é a base. Exemplo disso é o Grêmio, time que tem seis ou sete titulares que vieram da base. Os demais jogadores são contratados, e o time tem um plantel grande.

Inclusive, estivemos com o Presidente Romildo Bolzan e discutimos sobre dívidas e endividamento dos clubes. Legislamos sobre isso e tornamos, mais uma vez, os clubes viáveis através de legislação. Alguns conseguem cumprir; outros nem tanto porque têm suas dificuldades.

Eu vou citar um exemplo — e eu não sou gremista. Os times para os quais eu torço são o Xavante, o Brasil de Pelotas, pelo qual joguei, e o Grêmio Esportivo Bagé, onde comecei a jogar aos 14 anos de idade. Tenho uma simpatia pela família do Grêmio, porque meu pai sempre foi colorado. Meus filhos e meu neto são gremistas. Minha esposa também é gremista. Torcemos pelos grandes clubes: Corinthians, Palmeiras. Qual é o seu time? (*Risos.*) Não tem time? (*Risos.*)

Eu queria destacar a gestão responsável dos clubes, que vale para todos os clubes. O Grêmio é um exemplo disso. Estará disputando a final amanhã, o último



jogo da final da Libertadores, com vários jogadores da base. Acho que isso vale para todos os clubes. Precisamos de incentivo.

Nós aprovamos, há muito tempo, aqui a Lei Geral da Copa para garantir recursos por resultados de lucratividade que a Copa do Mundo no Brasil gerou — e foram grandes — e conseguimos com a FIFA. Aí vieram todos esses transtornos, e nós paramos e aguardamos o momento certo, porque existe o compromisso da FIFA de repassar 100 milhões, dos quais 20 milhões já vieram — já chegaram 20 milhões. O primeiro CT já foi construído, eu o visitei, em Belém do Pará, ao lado do Estádio Mangueirão.

Nós sonhamos com isso para oferecer grandes CTs estruturados para trabalhar a base e o futebol feminino. Hoje, há clubes que têm centro de treinamento, mas há clubes que não têm. Há regiões que não têm. Os futuros craques podem surgir de qualquer ponto deste Brasil.

Por exemplo, lá em Bagé, a minha cidade de origem, o Branco começou nas categorias de base e hoje é um campeão mundial importante com participação em duas Copas. Na verdade, se ele não tivesse jogado na base do Bagé e depois na base do Guarani, talvez não tivesse ido para o Fluminense. Da mesma forma, estão muitos jovens. Foi falado aqui do papel social do esporte e em especial do futebol.

Fazendo algumas referências, eu queria dizer que é importante identificarmos, dentro do possível, em que momento poderemos tocar esse projeto, um projeto que não evoluiu na dimensão que esperávamos, claro, pelas dificuldades. Há um recurso comprometido. Em algum momento, quem sabe se ainda for possível, ele deve retornar porque ainda faltam 80 milhões.

Quantos CTS nós construiríamos aqui no Brasil? Esse é um dos pleitos que faço ao Diretor Walter Feldman.

Finalizo com outro ponto de vista para o debate que vimos trabalhando há muito tempo a fim de que os estádios tenham mais participação do torcedor: o ingresso popular. Tenho a minuta de um projeto sobre isso, porque não podemos legislar algo impositivo, mas dará para fazer.

Eu vou dar o exemplo do meu clube, o Brasil de Pelotas, conhecido como Xavante. O Diretor Montanelli, juntamente com a Direção do clube e o Presidente Ricardinho, classificou o time mais uma vez para a Série B na oitava posição, teve



várias dificuldades, mas se mantém bem no bloco de cima. Nos últimos jogos houve uma torcida grande, mas o torcedor que não tem poder aquisitivo fica fora do estádio por causa do valor dos ingressos.

Por isso, defendo o ingresso popular de maneira a ser trabalhada nos clubes para que nós possamos ter um estádio mais vibrante.

A experiência que o Brasil de Pelotas protagonizou, na minha opinião, é importante. Eu presenciei um dos jogos com o ABC, com vitória por 3 a 0, e o estádio estava completamente lotado. Ele estava numa fase que podia cair, podia não classificar. Aquela iniciativa que foi feita lá tem ocorrido em outros estádios, em outros clubes, e eu imagino que principalmente para essas divisões — série B, série C, série D — todo mundo tem o seu clube, a sua paixão, mas nem todos têm o recurso, o dinheiro suficiente para pagar um ingresso caro.

Eu acho que se pode trabalhar com o apoio da instituição maior, que é a CBF, com o conjunto de articulação, com os clubes, para que nós possamos também ter televisionamento, que é importante, rende para os clubes, e o torcedor assiste de uma forma confortável em casa. Mas nada tira o brilho do futebol no estádio com a torcida vibrante. Essa é a energia do futebol.

Eu me preocupo. Cada vez que eu vejo um televisionamento, você enxerga os juízes entrando, os times, e em muitos jogos há pouquíssima gente. E há torcedor à vontade. Eu imagino que nós podemos dar uma mãozinha com criatividade, com responsabilidade, legislar nesse sentido, colaborar, de maneira que nós possamos ter uma participação maior do torcedor no estádio e ao longo do campeonato todo. Eu acho que isso é salutar, mesmo que sejam valores baixos.

Só para se ter uma ideia, lá do Xavante o ingresso foi a 10 reais. E lotou o estádio, é claro. Tem torcedor. Talvez em algum lugar possa-se dizer “*não, mas 10 reais...*”. Mas multiplicar 10 reais por 5 mil pessoas quanto representa? Se se multiplicar por dez é uma renda a mais. Mas não vamos pensar só na renda. Vamos pensar no efeito positivo do que um estádio cheio propicia, da motivação aos atletas, do que representa de imagem também e até mesmo para quem assiste pela televisão. Enfim, esse é um tema sobre o qual dá para discorrer por várias horas.

Acho que a questão do calendário também é uma coisa importante. Hoje os clubes estão fazendo revezamento com os atletas. São várias competições. Esse é



um desafio. Eu sei que esse tema já foi apontado como prioridade. E por aí fora a gente pode ir. Não vamos esgotar os assuntos.

Eu acho importante — e por isso quero cumprimentar a Comissão e o nosso jovem Presidente o Deputado Mário Negromonte Jr., que está à frente — que sempre haja um líder que mobilize, que não atire a toalha, na linguagem do esporte, que não deixe haver a desmotivação. E muito pelo contrário, todos os fóruns aqui são positivos, eu tenho certeza. Eu não pude acompanhar este debate na íntegra. Acompanhei um pouquinho do final da fala sobre o futebol feminino lá no Amazonas. Como é o nome do clube? Iranduba, é uma referência, por isso está aqui mostrando seus dados.

Então, eu finalizo a minha fala reiterando Walter Feldman. Quero parabenizá-lo e extensivamente a todos que, com muitos esforços — a CBF, entidade maior do futebol, os clubes e todo esse patrimônio — fazem do futebol a identidade do brasileiro. O brasileiro tem o futebol no seu DNA, e o Brasil continua e continuará por muitos anos sendo referência mundial. Então, acho que, quanto mais colaborarmos, em termos organizacionais, e tivermos gestões mais qualificadas e uma legislação apropriada, nós potencializaremos.

Isso é dos tempos. A cada momento, nós temos que avançar neste sentido. Eu acho que a Comissão, através desta Subcomissão permanente, propicia e vai propiciar outros debates ao longo da vida de atuação desta atividade.

Parabéns a todos. Desculpe-me por me estender, mas falar sobre futebol, falar sobre o que isso representa, há, na nossa mente, de forma espontânea, muita coisa que eu acho que também temos muito a comemorar, não temos só a criticar. Eu acho que nós temos que, realmente, também sublinhar, evidenciar os tentos, as vitórias, o que nós temos conquistado de positividade para o esporte, em especial, para o futebol brasileiro.

Era isso, Presidente. Muito obrigado.

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - Felizmente, eu não posso deixar de falar para parabenizar todos.

Primeiro, eu acho que quanto menos o Estado se meter no futebol, melhor. O Estado não tem que se meter. Se nós tirarmos do futebol a Polícia Militar e o Ministério Público, o futebol já será outro. Hoje, quem manda no jogo do futebol não é o clube: quem manda são o Ministério Público e a Polícia Militar. Ingresso de jogo? Só falta



nós queremos determinar o preço do ingresso do jogo. Quanto ao ingresso do jogo, eu acho que cada clube tem sua política, cada clube tem a sua necessidade. O São Paulo pôs agora o ingresso a 1 real.

(Não identificado) - Estimular, não é?

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - Estimular, não. Cada clube tem que fazer aquilo que ele acha que tem que ser feito para o seu torcedor. Você põe 1 real, é um preço. Existe o ônus e existe o bônus. Ele não cobra menos porque está cheio o estádio. Pelo contrário: o estádio está cheio, ele acha que está ganhando muito e quer cobrar mais salário ainda. Nós temos que tomar cuidado. São empresas privadas. Eu acho que cada clube tem que tomar a sua decisão.

Esse PROFUT aí que fizeram é válido, mas nós demos isenção total, 100%, para banco; nós demos REFIS para empresas que estão há 3 anos sem pagar nada, e não houve nenhuma contrapartida. No futebol, o Presidente vai preso; o time cai para a segunda divisão; não pode haver prejuízo, tem que haver lucro. Não, não. Os clubes de futebol são sem fins lucrativos. Mas, no PROFUT, tem que haver lucro. Os clubes de futebol não dividem o lucro. Por que tem que haver lucro? Essas coisas, nós temos que pensar.

Quanto menos nós, o Estado brasileiro, nos metermos no futebol, melhor para o futebol e para todos. A base? Tem que incentivar a base. Todo mundo incentiva! Agora, há 400 jogadores no Corinthians; vão sair 5, 6, 10 profissionais. Ninguém vê o pós-futebol. Então, é difícil.

E não adianta: 1 real é 4 dólares. Todo mundo aqui vive pelo dinheiro, infelizmente. Um jogador receber uma (*ininteligível*) de 1 milhão, 1 milhão e meio? Qualquer timinho de Europa paga isso. Não tem como segurar o jogador! Aí, falam: "*Mas jogador só se pode segurar assim*". Aí, vai doer a orelha dele, vai doer o joelho; dói o dedo e ele não joga mais. E não adianta vir o bom senso. O jogador quer saber do dinheiro dele, e é um direito dele.

E o clube tem que procurar pagar aquilo que pode, para não fazer as loucuras que se faz. Hoje estão fazendo loucura, o próprio Corinthians. Quem está sendo massacrado é porque (*ininteligível*). O (*ininteligível*) pediu 780 milhões por mês, pô! Como é que vai pagar isso? Temos que tomar cuidado com isso.



Agora, volto a repetir: se é um cara que gosta de futebol, que trabalha, que ajuda... Mas quanto menos nós nos metermos no futebol, melhor para o futebol.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Eu vou apresentar uma proposta. Não vou desistir.

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - Aqui se apresenta proposta para futebol, judô, voleibol, natação, basquete, esgrima, jogo de botão. Proposta não há.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Agradeço o debate. Este debate engrandece nosso fórum. *(Risos.)* Agradeço também a presença do Deputado Evandro Roman e também do Deputado Pedro Uczai.

O SR. DEPUTADO EVANDRO ROMAN - Eu só queria perguntar, politicamente, para o Deputado Andres Sanchez se S.Exa. também tem todas as paixões que o Deputado Afonso Hamm tem. O Deputado Afonso Hamm falou que tem paixão pelo Chavantes, mas também gosta do Grêmio Bagé; que tem uma consideração pelo Internacional, mas pelo Grêmio também. *(Risos.)* Quer dizer, politicamente, foi muito bem, digo isso a V.Exa. Eu tenho certeza de que o Deputado Andres Sanchez responderia um time só, não é, Deputado Andres Sanchez?

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Todos sabem que os meus times são o Chavantes e o Grêmio Bagé, os dois times em que eu joguei. *(Riso.)*

O SR. DEPUTADO EVANDRO ROMAN - Eu quis fazer uma brincadeira, já que estamos no astral do *(ininteligível)*.

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - Deputado Evandro Roman, eu respeito todos os clubes. Não dá para jogar o Corinthians sozinho, tem que respeitar e torcer para todos. Agora, eu acho que V.Exa. quer que o seu time ganhe.

O SR. DEPUTADO EVANDRO ROMAN - Não, o que eu quis fazer foi uma brincadeira aqui neste sentido: quando você está numa posição política, você tenta agradar a todas as equipes e não magoar nenhuma das torcidas. Mas, enfim...

Eu só queria, neste momento, parabenizar o trabalho do Walter Feldman, Secretário-Geral da Confederação Brasileira de Futebol — CBF. Quero parabenizá-lo, Walter, pelo trabalho que você está fazendo, principalmente o de cunho social, de transparência, de organização da CBF. É difícil nós falarmos isso, porque, muitas vezes, a história da CBF vem manchada por algumas situações, mas eu diria que a



CBF, de março, abril do ano passado para cá, tem outra cara, outra estrutura. Ela trabalha com responsabilidade social, com responsabilidade ambiental. E com esse trabalho que hoje se tem, usando a ferramenta futebol dentro de uma estrutura que é puro negócio, puro *business* mesmo, eu tenho a certeza de que, ao menos, teremos um futebol cada vez melhor. Então, lhe agradeço nesse sentido.

Eu vou numa linha bastante forte em relação à questão da qual o Deputado Andres Sanchez falou. O futebol é iniciativa privada. Sendo iniciativa privada, a partir do momento em que o Estado quer opinar sobre quanto vai valer o ingresso, o quanto vai valer esta ou aquela situação, ele também tem que ser encarregado pelas despesas, pelo ônus que venha a ocorrer. A partir do momento em que o Estado entra com um palpite, uma opinião de que deve ser cobrado desta ou daquela forma, então que o Estado também entre com a sua responsabilidade quando houver um prejuízo, houver uma dificuldade.

Eu penso de maneira bem semelhante à do Deputado Andres Sanchez quando falou neste entendimento: enquanto nós mantivermos o futebol como uma iniciativa privada, um *business*, e, realmente, isso puder acarretar a negociação direta entre o clube e o comprador, o apaixonado pela estrutura, eu acredito que nós vamos ter um futebol cada vez melhor.

E eu diria o seguinte: basta ver o que nós estamos vivendo pelo COB agora. Mostrou que essa união entre dinheiro público, essa união entre as ações que se buscou durante muito tempo, ela não deu certo. Então, se nós temos, muitas vezes, que levantar o dedo para a ação a qual o futebol tem hoje, nós temos que lembrar que, num prazo bem curto, de meses ou dias atrás, nós passamos por uma instituição, o Comitê Olímpico do Brasil, que, juntamente com muitas federações, não todas, deixou uma mácula enorme.

(Não identificado) - E 100% dinheiro público.

O SR. DEPUTADO EVANDRO ROMAN - Justamente: 100% dinheiro público.

Lembro que não deu certo também. E não foi com uma modalidade. Aqui nós estamos falando de uma modalidade, que é o futebol. Então, toda vez que...

O SR. DEPUTADO ANDRES SANCHEZ - E eles querem pôr o atleta para votar. O Havelange era atleta de natação, o outro era atleta não sei do quê.



O SR. DEPUTADO EVANDRO ROMAN - Perfeito, Deputado Andres Sanchez. Nós tivemos um entendimento de críticas ao modelo da CBF, mas em relação ao outro modelo que todos querem, o da presença do Estado, que é o COB, nós estamos vendo em que lado terminou, em que lado está. E o pior: usando o dinheiro público. O lado de cá tem um problema aqui, tem um problema ali, mas não vai, em nenhum momento, em nenhuma situação, colocar a mão em recurso público.

Eu vou bem no entendimento dessa linha. Vou bem nessa ação de que temos que manter o futebol dentro da iniciativa privada. Não vamos inventar de trazer o futebol para um cenário público, para uma ação... O futebol é o clube, a empresa que é o clube, a própria administração. Porque nós vamos ter problemas piores do que os que o COB está tendo, o que é terrível.

Enganaram-nos. Eu digo que, pelo que nos ofereceram em templo de legado olímpico, nós fomos enganados. O que ficou foi um monte de estruturas, muito boas, mas que hoje temos uma dificuldade muito grande para mantê-las. Não foi feito o planejamento dessa ação, daquele trabalho, do desenvolvimento. Uma geração de futuros campeões, em relação à questão do atleta, nós não teremos.

Hoje eu acredito, Sr. Walter Feldman, no trabalho do CBF Social. Esse trabalho é próximo ao que foi feito na Alemanha na construção de 1.110 campos de futebol, que foi um trabalho social desenvolvido logo após um revés — eu não vou lembrar o ano agora em que a Alemanha passou por isso. Na ocasião, eles tiveram que partir para uma ação voltada para esse aspecto.

Agora, transformar, trazer para dentro a fiscalização? Em hipótese alguma. Eu acho que esse é um retrocesso, e não precisamos ir muito longe. É só pegar o exemplo do COB.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Muito bem. Não havendo mais oradores, se quiserem ainda se manifestar, ainda há tempo. *(Pausa.)* Não havendo mais oradores, nós vamos fazer aqui as considerações finais.

Passo a palavra ao nosso querido amigo Secretário-Geral da Confederação Brasileira de Futebol, Dr. Walter Feldman, para poder fazer as suas considerações finais. Depois passaremos a palavra ao Sr. Amarildo para fazer também as considerações finais em nome do Iranduba.



O SR. WALTER FELDMAN - Ouvi aqui atentamente os depoimentos. Acho que todos eles, de certa forma, contribuem até na sua polêmica, nas várias visões.

Eu também compartilho a ideia de que o Estado deve estar longe do futebol. Não tem necessidade. Ele não financia, a não ser do ponto de vista comercial, como faz a Caixa Econômica, portanto, tem uma atividade relevante na sua estratégia de comunicação com a sociedade brasileira e recebe os benefícios desse investimento.

Destaco também a participação no fomento ao futebol. Por exemplo, a Caixa Econômica Federal é muito importante no fomento do futebol feminino, dá um apoio, eu diria estratégico, naquela situação que precisa desse apoio, para que depois possa deslançar de maneira autônoma com o apoio do setor privado. Há um excesso de legislação que tenta colocar em canaletas específicas no futebol, que tem que crescer com as suas características e as suas próprias pernas.

Também quero dizer ao Deputado Afonso Hamm que nós encerramos uma negociação com a FIFA e, a partir de janeiro, começa a ser liberado novamente o recurso do legado. Então, nós fizemos todo um trabalho de demonstração das mudanças que produzimos na área de governança e de *compliance*, e a FIFA está muito satisfeita com aquilo que tem interpretado nas mudanças que realizamos.

Então, também é uma boa notícia, aconteceu a partir do mês de setembro, finalizamos agora no Peru medidas adicionais de acompanhamento para que possa se iniciar a retomada dos repasses a partir do ano que vem.

Só para concluir, na CBF hoje há uma gestão coletiva. Eu recebo com muita alegria os cumprimentos direcionados a mim, mas, na verdade, é uma gestão comandada pelo Presidente Marco Polo, com uma Diretoria jovem, moderna e comprometida, que tem na sua ação administrativa o comando do Diretor-Executivo de Gestão, Dr. Rogério Caboclo, pulso firme, o Andres o conhece bem, veio também da Federação Paulista de Futebol, de todo jeito inova. O Rogério tem 45 anos; o Manoel Flores, que dirige todo o sistema de competições, tem 34, imagino; o Buzzoni, que comanda a área de registro, transferência e licença, deve ter 37 anos, ou seja, é uma turma extremamente jovem.

Portanto, isso é um resultado de todos que têm na sua especificidade e na sua área dado uma enorme contribuição, sob o comando do Presidente Marco Polo.



Então, queria agradecer, Deputado Negromonte, a oportunidade, ao João, do Iranduba, que é um exemplo realmente do futebol feminino. Fico feliz que o Andres vai estudar em profundidade, porque o apoio do Corinthians ao futebol feminino faz com que comecemos a virar o jogo, e ele está apoiando.

Eu me lembro de que tivemos uma primeira conversa sobre as dificuldades, mas o Corinthians já está na FIFA, dando já uma enorme contribuição vitoriosa a essa nova modalidade que vai deslanchar em nosso País.

Estamos à disposição, Deputado Negromonte, para outras convocações.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Passamos agora para as considerações finais do nosso convidado João Amarildo, Presidente do Iranduba, e de novo parabenizo-o aqui pela ideia, formato e pensamentos que foram criados, que estão dando certo.

Parabéns.

O SR. JOÃO AMARILDO DUTRA - Obrigado, novamente, a todos por terem compartilhado conosco esta tarde. Eu fico muito feliz, não só pelo convite, mas também porque foi uma oportunidade a mais que tivemos para mostrar para vocês o nosso trabalho.

Nós temos certeza absoluta de que com o nosso trabalho, claro, através da CBF, estamos também dispostos a contribuir com a evolução da modalidade do futebol feminino no País, sim.

Outra coisa que quero deixar claro aqui para vocês, que eu ia me esquecendo, eu participei do primeiro curso de gestão de futebol na CBF e digo que ele contribuiu muito para mim, não só em conhecimento, mas também para o aumento do leque de ideias para implantar no clube. Tudo ocorreu exatamente após a participação neste curso.

Agradeço mais uma vez a vocês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Mário Negromonte Jr.) - Muito obrigado.

Antes de encerrar, eu gostaria de agradecer ao Dr. Feldman, pela forma como esta Comissão foi tratada no momento em que nós fomos visitá-los. O Presidente é uma pessoa extremamente educada, é realmente um líder, eu vi a condução. Nós almoçamos, Roberto, com o Tite. Eu pude conversar um pouco com essa figura extraordinária que é o nosso treinador. Se estamos falando de gestão, de



investimento, eu acredito que a CBF investiu na pessoa certa, na hora certa. Realmente o Tite é um gestor. Eu pude ouvir um pouco das ideias dele. Convidamo-lo para falar um pouco sobre isso, mas ele falou que era exatamente o momento em que ele está participando, visitando os países e vendo alguns jogadores, porque o grupo ainda não está fechado, observando alguns jogadores que vão para Copa, e obviamente esse papel, neste momento, é muito mais importante. Haverá outros fóruns. Quem sabe, no próximo ano, o senhor poderá estar no fórum como campeão do mundo. Esse é o desejo de todo brasileiro.

Walter Feldman, gostaria que o senhor pudesse passar para o nosso Presidente e agradecer todo o tratamento que foi dispensado a esta Comissão, e é extensivo à Comissão do Esporte. Este ano para o Brasil foi maravilhoso. Há muito tempo, a Seleção Brasileira não vivia este momento, ser campeão olímpico pela primeira vez. O Brasil conquistou isso, o futebol masculino. O Brasil se classificou em primeiro lugar. Acredito que não bateu recorde porque não era o objetivo. Eu senti que não era o objetivo da Seleção. A Seleção queria ganhar. O objetivo era ganhar, não era ser o melhor de todos os tempos. Na verdade, eu acho até que o futebol que nós temos é melhor do que aquela Argentina. Enfim, eu acho que atingiu o objetivo: a medalha de ouro, classificar-se em primeiro e bem, estar entre os melhores, ter um time, uma seleção arrumada, bem planejada. Foi uma excelente equipe que o Tite montou. Eu acredito que é o que alguns Deputados falaram aqui. Quando se tem este momento de futebol, sempre busco alguma coisa para poder ter matéria de imprensa, ter outros fóruns de debate. A realidade é que hoje a Seleção Brasileira voltou a ser a Seleção que o brasileiro estava acostumado a ver. É isso o que nós queremos. Que possa melhorar ainda mais, para combatermos o racismo que existe ainda não só no futebol. Existem casos em divisão de base e em outras divisões de pedofilia, de violência, e nós precisamos combater essas mazelas que existem no futebol, mas, neste momento, estão em segundo plano, porque nós estamos atingindo. O Grêmio pode ser campeão da Libertadores amanhã. O Flamengo pode ser campeão da Sul-Americana daqui a algumas semanas. Realmente o Brasil pode fechar o ano, o futebol brasileiro pode fechar o ano como há muito tempo não víamos. Corinthians foi campeão brasileiro, não tem problema. Havia tempo que não acontecia isso. *(Risos.)*



O Deputado Andres Sanchez é uma pessoa que está sempre aqui nos orientando, viu, Mustafá!?

Nós estamos sempre brincando aqui. Nesses últimos anos, alguns times, como Flamengo, Palmeiras e Chapecoense, tiveram um case de gestão muito interessante. Faço uma homenagem aqui, queria render uma homenagem a Chapecoense no final. Nós vamos dedicar um momento para ele e não podia esquecer isso. É um time que teve um acidente praticamente fatal, quase todo o time, e ainda permaneceu, fez uma nova gestão, começou do zero, renasceu das cinzas. Um dos jogadores foi para Palmeiras, o número 10, e outros foram para outros times, e o time está na primeira divisão ainda, escolheu, optou, não sei se a CBF ou FIFA, os clubes disseram que não queriam ficar na primeira divisão. Preferia jogar e se tivesse que cair... E está aí, está na primeira divisão. Acho que são cases importantes. As federações têm um papel importante nesse cenário todo.

Transmita ao nosso Presidente Marco Polo os nossos agradecimentos. Que ele possa ser vitorioso na gestão dele! Vai ter uma eleição no próximo ano, mas possa o próximo Presidente trazer esse título para nós, para Casa, porque o futebol brasileiro precisa disso. Nós já temos muito problema e muita crise. Assistindo ao futebol, às vezes nos esquecemos um pouco dos problemas que nós temos em casa ou no nosso trabalho. É a nossa paixão nacional. E eu tenho certeza de que o ano 2018 vai ser ainda melhor, e este fórum vai ser ainda melhor no próximo ano.

Agradeço a vocês. Neste momento, nós vamos fazer a composição da mesa, do primeiro tempo deste debate.

Nós íamos dividir com o Deputado César Halum o segundo tempo, mas ele ainda está numa agenda externa. Então, eu vou manter, fazer esse segundo tempo com outro Deputado para dividirmos um pouco. Quem vai tocar é o nosso Deputado Roberto Góes, que é Presidente da Federação, vai tocar o segundo tempo conosco, e nós participaremos.

Mais uma vez muito obrigado, Dr. Walter Feldman. Muito obrigado, João Amarildo.

Vamos agora dar prosseguimento ao segundo tempo. Se vocês quiserem para um pouquinho... Eu acho que temos que caminhar logo, senão...



O SR. WALTER FELDMAN - Tenho só uma questão de ordem. Eu queria muito ouvir os três, mas eu vou ter que ir para São Paulo ainda. Então, depois eu vou pegar o relatório para poder ouvir as brilhantes intervenções que, com certeza, os três palestrantes farão.

(Pausa prolongada.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Roberto Góes) - Vamos dar continuidade aos trabalhos com o segundo bloco, que trata sobre o futebol e o mercado.

Vamos começar, Deputado Andres? *(Pausa.)*

Convido para compor a Mesa o Sr. Luís Paulo Rosenberg, economista e consultor e amigo leal do Presidente Andres Sanchez.

Queria convidar também o Sr. Rodrigo R. Monteiro de Castro, que já participou de outras reuniões aqui na Comissão do Esporte. Ele é Doutor em Direito Comercial e autor do livro *Futebol, Mercado e Estado*.

Queria também convidar a Sra. Silvana Vilodre Goellner, Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Antes de iniciarmos, desejo informar novamente as regras de condução dos trabalhos deste bloco. O convidado deverá limitar-se ao tema do debate e terá 15 minutos para a sua preleção.

Gostaria de chamar o Sr. Luís Paulo Rosenberg, Economista e Consultor, que tem 15 minutos para fazer a sua explanação.

O SR. LUIS PAULO ROSENBERG - É um prazer estar aqui. Como é a segunda parte do debate e o que tinha para ser dito em relação ao potencial do futebol e o que ele representa no Brasil foi apresentado com muita propriedade, a tarefa que me atribuíram foi a de mostrar essa relação entre o mercado e o futebol.

Então, vou tentar tratar o clube de futebol como uma caixa-preta e trabalhar mais nas relações entre os agentes do mercado, que o Feldman também refletiu aqui, os produtores que fornecem, os consumidores, os patrocinadores, os torcedores — até os antis —, os outros clubes e como deve ser essa relação para que realmente o futebol possa atingir os patamares que gostamos.

Começo deixando bem claro o objetivo de um clube de futebol moderno, de um clube de futebol nos padrões europeus, que almejamos: conquistar títulos. Não pode haver dúvida sobre isso. A prioridade do clube é ganhar títulos. Para isso, ele



usa recursos do mercado; para isso, ele tem que ter uma geração de excedente, o chamado lucro, para ter o capital necessário para ganhar os títulos.

A hierarquia é essa, não é reversa, ou seja, ele não precisa levar um volume de dinheiro para a distribuição como dividendos, ele precisa, sim, ser muito bem gerido para produzir esse excedente, e isso ser sabiamente utilizado para ganhar campeonato.

A velha concepção do mercado, o que hoje ainda se considera uma gestão bem-sucedida no futebol, trabalha com essas variáveis. Ele tem que arrecadar com a venda de propriedades, que são o patrocínio de televisão, o patrocínio da camisa, o patrocínio de quem entrega o material esportivo, todos os licenciamentos de produtos, serviços e imagens e a venda de ingressos.

O que mudou? É importante percebermos que o mundo empresarial mudou. A mudança que ocorreu dentro das empresas em função da Internet e da nova cultura que isso gerou faz com que os clubes se adéquem a essa nova realidade ou fiquem para trás. A velocidade com que essas mudanças têm que ocorrer é completamente diferente de tudo que vimos no passado. Por quê?

Vamos ver o que está acontecendo com a empresa que estamos querendo seduzir, que nos patrocine, que nos ponha *naming rights* e que licencie seus produtos com a nossa marca.

Primeiro, acabou essa história de que o papel da empresa é entregar um produto. O consumo daquele produto, o atendimento após a venda e a imagem que cerca aquela marca são componentes que complementam a venda do produto e formam um todo, que chamamos a experiência de ter consumido aquele bem, e que tornou a vida do empresário uma desgraça, porque a cobrança vem por tudo, a cobrança vem porque teve um empregado menor fora da legislação, porque poluiu um rio, porque não participou de projetos sociais ou porque atendeu erroneamente um reclamante do seu produto.

Então, o empresário hoje tem que ter um controle, uma vigilância e uma governança muito especial, porque a sua marca vai estar em jogo o tempo todo. E esse risco de marca explodiu. Uma queixa bem colocada com um vídeo na Internet pode destruir um trabalho de construção de marca de décadas. Isso tem muito a ver com a relação dele com o futebol.



E mais, dentro das empresas, aquele conceito velho que a minha geração tanto cultuou de fazer uma carreira, entrar, ir crescendo, com a certeza de que fazendo tudo certo continuará, e a empresa contando com esse dado, acabou.

A juventude hoje tem rapidez de decisão. Se a pessoa estiver há 1 ano na empresa e não gostar do jeito dela, ela não tem compromisso com isso. Coloca a mochila nas costas e vai passar 1 ano de visitante na Tailândia.

Similarmente, uma empresa pode pagar até metade do salário do seu concorrente, mas, se os valores que ela defende, se o ambiente de trabalho é especial, se o carinho com que trata o trabalhador é diferenciado, ela não sai. Então, essa relação entre empresa e trabalhador se modificou radicalmente. Entrou um componente de emoção que passa a fazer parte da própria existência da empresa.

Eu resumi em três itens que expressam bem para vocês como é difícil hoje em dia tocar uma empresa comparando-se, por exemplo, com uma Nestlé de 50 anos atrás. Antes era só produzir qualidade e tudo mais se seguia. Hoje o desafio é muito maior. Conseqüentemente, quando lida com o clube de futebol, ele transfere essas exigências, ele é o mero repassador daquilo que o consumidor está esperando dele.

Então, a governança deve ser profissional e deve haver transparência e responsabilidade fiscal. Quanto à ética, eu nem falo, porque isso é mortal. Uma marca estar associada a um processo de corrupção ou a uma multa fiscal é desastroso.

Não estou nem falando de desastres como o que aconteceu com o Corinthians, quando um menino foi morto em um jogo de futebol por um foguete. Imagine o desgaste de imagem que isso representa se torcedores forem aprisionados em fila com a logomarca do patrocinador na camisa.

Segundo, o empresário é cobrado por ter um engajamento social e quer que o clube faça a mesma coisa. Então, hoje o clube tem que ter, sim, uma atuação proativa, desde campanhas de doação de sangue, defesa do meio ambiente, campanha contra a obesidade, contra o câncer. Isso é uma contingência da construção da marca do clube que vai gerar a desejabilidade do empresário de associar a sua marca àquela marca bem respeitada e bem vista pelo mercado.

Coalisão dos funcionários. Acabou o tempo em que você podia ter o futebol aqui, o jurídico lá, o financeiro ali, o *marketing* acolá, e cada um fazendo o que bem entende. O projeto do clube tem que ser um só, tem que ser um projeto coletivo



compreendido por todos os participantes do clube, e partilhado, porque quando um segurança empurra um torcedor mais afoito na chegada do ônibus, ele está comprometendo a imagem do clube. Aquilo tem que ser feito dentro de um conceito geral de como o clube se relaciona com a sociedade. Isso dá um trabalho do cão. Isso exige um engajamento e uma disciplina dentro das várias áreas do clube que nós não estamos acostumados. E é uma cultura que tem que ser criada.

Outra coisa importante é o seguinte: o clube não tem um *marketing*. O *marketing* do clube é um núcleo remoto do *marketing* do seu patrocinador. A negociação pode ser muito dura com esse patrocinador em busca de uma condição financeira vantajosa para o clube. Mas, fechado o acordo, tem que virar gueixa.

Tem um exemplo singelo que ilustra o que eu estou tentando falar. Quando o Andrés era presidente e nós estávamos disputando a Libertadores, fomos fazer um jogo no Uruguai, num estádio em que o Pacaembu era moderno, comparado com ele, caindo aos pedaços. Um camarote nos foi dado com quatro lugares. Choveu antes e depois do jogo, direto. Na manhã do jogo, simplesmente aterrissou um jatinho de onde desceu o nosso patrocinador com os seus quatro principais clientes, com um sorriso nos lábios e dizendo: "Sem eles a nossa empresa não existe. São todos corintianos." Como se estivesse me dando uma grande notícia. O que nós fizemos? Nós fomos para chuva, com capa, e entregamos o camarote para os quatro felizardos. É esse tipo de engajamento que faz com que não só aquele cliente ficasse satisfeito, mas fez o serviço como uma marca do Corinthians em relação a todos os próximos que viessem.

A participação nas redes sociais hoje é mais importante do que a assessoria de imprensa. É aí que a imagem do clube está sendo decidida. Então isso tem que ser algo muito profissional, muito presente, com muita honestidade e muita transparência.

Vejam que nada disso do que eu estou falando, há 10 anos, não se cogitava. Não existia esse tipo de realidade nos cercando. O importante é isso, ela mudou de fora para dentro. O clube que não perceber que ele não tem que se subordinar ao que a CBF faz ou a algum Parlamentar querendo tabelar não vai se dá bem. Não é por aí. Ele só vai se dá bem se entendeu o mercado, o que as empresas esperam deles e se ajustar nessa direção. E aí entra um fenômeno que foi muito mencionado aqui, a



necessidade da internacionalização. Por que internacionalização? Primeiro porque é isso que acontece no mundo global. É inevitável! Eu tenho que ter o conhecimento da minha marca na China. Eu tenho que ter um ponto de capacitação de talentos na Argentina. Eu tenho que ter alguma perna na Europa. Não posso ficar só sentadinho aqui esperando o Real Madrid vir comprar os talentos que nós geramos. Tem que ser proativo. Tem que ter uma cabeça globalizada. Imaginem falar disso com diretorias que sequer admitem conversar em inglês. Então vejam o tamanho do desafio que nos espera.

Aí você sai do segmento das empresas e entra no dos consumidores. Esse daqui é o segmento mais importante, o mais legal, o mais afim do clube. São eles que frequentam o estádio. Como empresa patrocinadora, você também tem que transformar a ida ao estádio numa experiência. Ele tem que ter uma facilidade absoluta para comprar ingresso. Teria que comprar pela Internet sem ter que buscar em lugar nenhum e entrar no estádio. Ele tem que ter facilidade de acesso através de metrô, ônibus, ônibus VIP, estacionamento, porque não pode ser uma aventura ir assistir ao jogo, tem que ser algo tão prazeroso quanto ir a um bom shopping assistir a um filme. E dentro da arena tem que ser um espetáculo mais amplo, tem que ter shows, tem que ter exposição, tem que ter lançamento de carros, tem que ter museu. Ou seja, o ideal é que ele se sinta motivado a chegar duas horas antes e sair duas horas depois do estádio. É com toda uma cadeia de venda de produtos que se gera esse comportamento e, claro, segurança. Quanto à segurança, eu não estou querendo dizer que tenha que ter 200 leões de chácara descendo o sarrafo em cima da torcida organizada, é trabalhar esse relacionamento de uma forma diferente.

Outra vez na gestão do Andrés, nós jamais tivemos problemas com torcidas organizadas porque o diálogo era muito presente. Não os trate como malfeitores que você terá um comportamento de cidadãos. O problema da minoria que é criminosa dentro das torcidas organizadas é um problema da polícia e não do clube. O clube tem que ter um relacionamento como se faz com um cartão de fidelidade em relação ao torcedor. A segurança tem que ser de tal forma que as avozinhas possam frequentar os estádios, e não de ter meia dúzia de seguranças em cada corredor garantindo que os machões que conseguiram e tiveram coragem de ir ao jogo não vão apanhar dos malfeitores das torcidas.



Agora temos que lembrar o seguinte, a vasta maioria dos torcedores nunca pisa nos estádios, principalmente de clubes como o Corinthians, o São Paulo, o Palmeiras.

O Corinthians, por exemplo, tem uma comunidade de 30 milhões de torcedores e o conjunto de pessoas que assistem aos jogos é em torno de 300 a 350 mil em rodízio.

Então, o foco principal, o carinho maior tem que ser para com essa turma, mas para a torcida em geral.

Esse daí, o que ele espera? Que a marca do clube seja admirada, que ele tenha produtos licenciados para poder comprar. Ele precisa se apropriar daquela marca. E ele quer influir na governança do clube. Esse é um movimento inexorável de que o sócio torcedor passe a votar nas eleições presidenciais, criando realmente uma democracia dentro dos clubes com muitas virtudes, transplantando para dentro do clube todas as virtudes da democracia.

Eu quero fechar com o que é esse relacionamento do clube com a comunidade de outros clubes com o resto do mundo. Nós temos no futebol uma vantagem. Qual é o maior desafio que uma empresa enfrenta? É fidelizar o seu consumidor. Tem que acordar mais cedo, dá vantagens. Vocês perceberam que nós não temos isso? Não existe a possibilidade de eu aumentar o preço da minha camiseta em 10% e o meu torcedor dizer: "Ah não, eu vou comprar do Palmeiras." É bobagem! Ele é meu. Então, a partir desse trampolim, eu tenho que dar um salto muito maior do que qualquer outra empresa. Usar isso como um elemento decisório, mas tocar o barco, enchê-lo de satisfação com tudo isso que nós mostramos. O mercado de jogadores tem que ser visto como algo diferente. Ou seja, um clube de futebol é parecido com uma locadora de automóveis. Se você pega uma Localiza, que, na verdade, tem dois negócios: um, pegar o automóvel e alugar para quem precisa do carro por 1, 2, 3 dias, e, dois, vender automóvel usado. São duas atividades completamente diferentes mas que se entrelaçam e define o lucro da empresa. O clube também! Ele tem uma missão que é ganhar o campeonato e a outra, que é gerar talentos, usá-los e vendê-los. Gerar um ciclo de riqueza fazendo isso sem corrupção e com competência de tal forma que alimenta a sua capacidade de ganhar títulos. E isso é algo que a empresa "Oh, vendeu o jogador. Graças a Deus." Se nós tivermos



vem estruturados, a nossa base será capaz de, com aquele dinheiro, contratar quatro outros, dos quais, dois vão virar vendáveis. E eu vou conseguir então fazer crescer o fluxo de renda para o meu time e vou chegar um dia a competir com o Real Madrid e, quem sabe, comprar jogador deles.

Essa é uma avenida muito pouco percorrida, que é o partilhamento. Por exemplo, aqui à esquerda é o Estádio da Portuguesa, em São Paulo, o da direita é o do Santos. São dois desastres como arena, mas valem horrores. Por quê? Porque a cidade cresceu e o cercou. Se se derrubar essas velharias e construir empreendimentos imobiliários, onde tinha um fluxo permanente, perpétuo de renda para o clube que vai fazer com que ele jamais caiu para série B. E como se resolve o problema de onde jogar? Aqui ó no Pacaembu. Vamos juntar os dois, complementar com um operador de arena e recuperar um patrimônio desse que vai servir para ter um amistoso da General Motors, o almoxarifado dela, com o pessoal da segurança da Volkswagen, e liberar recurso para recuperar dois clubes. Exemplo semelhante é o Ponte Preta e o Guarani, dois estágios horrorosos, no ponto mais nobre, no lado sul de Campinas. Por que não colocam aquelas duas coisas abaixo, fazem um grande empreendimento e vão para a beira da rodovia, com um acesso fantástico, montar uma arena de 25 mil, onde todos os escudos são reversíveis? De manhã, ele a Ponte Preta e, de tarde, ele é Guarani. Vão encher de ganhar! E mais, geram duas fontes permanentes de renda. Essas coisas têm que vir para a mesa, pois nós tivemos alguns exemplos. Em 1997, há 20 anos, foi criada uma Comissão, com o Mustafá Contursi, liderando o Palmeiras, com o Jaime Franco, o São Paulo, com o Noviço, o Corinthians, para negociar direito de televisão. Nós aumentamos por cinco vezes o contrato. Nós fizemos a *Globo* transmitir jogo às 20h30min. Nós mudamos a natureza da relação entre tevê e clube. Por quê? Porque partilhamos.

Quem pode, em São Paulo, enfrentar Corinthians, São Paulo, Palmeiras ou Santos? Essa consciência ainda não existe. Por isso, o papel da CBF fica maior. Ela tem que compensar essa trajetória natural de aliança econômica com rivalidade esportiva, que não existe. Existe ódio entre as torcidas, ódio entre os clubes e “*eu não vou fazer nada que possa beneficiar o outro*”. Nós temos que virar isso e começar aí, sim, a almejar os números que vimos aqui no futebol internacional.



Eu quero terminar com esta imagem. O que vocês estão vendo aí? Ali é a construção do Arena Corinthians no primeiro ano. Nós estamos falando de julho em São Paulo, de um frio de 4º a 5º graus de madrugada. Vocês estão vendo este sofá caindo aos pedaços aqui? Os torcedores davam plantão. Às 5 horas da manhã, se você chegasse lá, eles estavam com uma bandeirona e uma fogueirinha para aquecê-los. Isso é para nunca nos esquecermos de que futebol é uma das partes mais importantes da vida do indivíduo. Quanto mais baixa é a renda dele, mais a felicidade dessa pessoa depende do sucesso do futebol.

Se deixarmos de vaidades, de picuinhas, de mesquinhas e assumirmos a necessidade de implantar tudo o que a boa administração tem a ensinar, poderemos gerar felicidade, gerar prazer e gerar autoestima para essa classe sacrificada.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Roberto Góes) - Tem alguém que queira se manifestar ou falar alguma coisa em relação ao que foi dito aqui pelo Dr. Luís Paulo?

Passo a palavra ao Sr. Rodrigo Rocha Monteiro Castro, Doutor em Direito Comercial e autor do livro *Futebol, Mercado e Estado*. O senhor tem 15 minutos.

O SR. RODRIGO ROCHA MONTEIRO CASTRO - Boa tarde. Gostaria de agradecer o convite da Comissão do Esporte. Faço aqui uma menção especial ao Lindberg, amigo e colega que me formulou o convite. Gostaria também de cumprimentar todos que persistem nesta Comissão, na pessoa do Deputado Andres Sanchez, que foi Presidente do Corinthians, clube do coração do meu avô.

Falar de futebol em apenas 15 minutos é pouco tempo, sobretudo quando o País tem diante de si uma oportunidade que é absolutamente monumental. Talvez eu use aqui algumas expressões aparentemente exageradas, mas elas não o são, porque não há, neste País, uma atividade ou um bem da nossa cultura que possa servir para integrar como o futebol. E, novamente, aqui não se trata de tentar explorar um nacionalismo barato, não é isso.

O futebol brasileiro envolve hoje em torno de 150 milhões de acompanhantes, 150 milhões de pessoas que o acompanham. O número é impressionante, porque acho que não há um produto no Brasil que tenha esse número de acompanhantes, mas é um número preocupante porque tem diminuído ao longo do tempo em função do que se oferece, da história do nosso futebol.



Talvez este seja o único elemento que faz com que os brasileiros hoje, de norte a sul, de leste a oeste, com as suas desigualdades, com as suas diferenças, com as diferentes formas de colonização e ocupação, se sintam realmente brasileiros. Esse é o último elemento de união. Apesar desta grandiosidade, do que o futebol é, ou melhor, do que futebol poderia ser...

E aqui vale um comentário: eu mudei completamente o que ia falar. Eu vim com uma apresentação feita na cabeça, esquematizada, mas, depois de ouvir tudo que ouvi aqui, acabei seguindo outro caminho. Por quê? Porque eu acho que aqui a gente ouviu muito mais do que o futebol pode ser, e não do que o futebol realmente é. Portanto, são projetos, são ideias, são concepções que fazem a gente acreditar até que tudo está maravilhoso. Temos muitas evoluções, sem dúvida alguma, mas nada comparado ao que poderia ser.

O Brasil é o maior exportador de *commodity* do planeta. Meninos que saem cedo do País, que chegam a um determinado nível sem preparo, que vão embora sem preparo, que não passam por uma fase de adaptação. E quem já morou fora, quem esteve fora do País, sabe como é difícil se adaptar, como é difícil sair de um País como o nosso, com as nossas características, ir para o Leste Europeu, um frio tenebroso, um idioma incompreensível, uma alimentação diferente, para se adaptarem naquele lugar. E esses meninos, quando se adaptam, depois passam a ser negociados a 5, 6, 7, 8, 9, 10, 15 vezes o valor que saíram daqui. Aqueles que não se adaptam ficam perambulando pelo mundo ou voltam para o Brasil. Somos o maior exportador de *commodity*, portanto.

O Brasil tem outro produto: time. Se iniciarmos qualquer campeonato brasileiro, Deputado, temos 12 times ditos grandes que podem ser campeões. Isso sem falar de outros que são muito grandes, que não entram nessa conta, mas que deveriam entrar.

Se pegarmos os quatro maiores times de São Paulo, os quatro do Rio, os dois de Minas Gerais, os dois do Rio Grande do Sul, os dois da Bahia, os dois de Pernambuco, estaremos aqui falando de 16 clubes. Somando um ou dois do Paraná, teremos 18 times. Isto aqui é uma *Champions League*.

Para que a Europa fosse grande, para que ela se transformasse, ela precisava ter uma *Champions League*. Não há em nenhum país mais do que dois ou, no máximo,



três times relevantes. Nós temos quase uma vintena. Temos campeonatos: Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil e a força dos campeonatos regionais que, se forem bem utilizados, servem para gerar, fomentar e criar novas potências regionais. Afinal de contas, como falamos aqui, futebol tem força regional

Eu mencionei alguns Estados, mas nós podemos ir para o Ceará e outros tantos, como Pará, Santa Catarina. Rapidamente, pensamos em 30 times que podem montar, se não participarem, uma primeira divisão. Enfim, há uma série de combinações possíveis que podem atrair os campeonatos sul-americanos.

E temos talvez o maior produto de entretenimento do planeta, que é a Seleção Brasileira. Nenhuma atividade de entretenimento se compara ao futebol, nenhuma. O futebol é a grande atividade de entretenimento. Não à toa que os Estados Unidos tentam de qualquer forma dominá-la. Por quê? Porque eles são os reis do entretenimento.

O Brasil tem todos os produtos da cadeia: o jogador, que é mal utilizado, é explorado, sai daqui sem formação e, quando a carreira acaba, fica sem um direcionamento; os times, que passam por uma dificuldade tremenda — dois ou três têm as suas contas relativamente organizadas, estamos falando dos times de primeira divisão; os campeonatos, que poderiam ser magníficos — como mencionou aqui o Secretário-Geral da CBF, hoje o brasileiro assiste ao Campeonato Português, assiste ao Campeonato Francês, e o Campeonato Brasileiro perde cada vez mais o seu espaço, e o pior, não exportamos esse nosso produto; e a Seleção Brasileira, novamente, que deveria ser um marco muito maior do que é.

Por que acabei mudando tudo o que eu pretendia falar? Porque o futebol é muito grande para ser desprezado como é, não apenas pela população, mas pelo Estado. Eu me refiro a desprezo no sentido de pensar o futebol de modo organizado. O que eu quero dizer com isso? E, por favor, não digam que eu acho que o Estado deve interferir no futebol. Jamais! Não é função do Estado interferir no futebol, mas o futebol é uma questão de política de Estado, o que é muito diferente. Carecemos hoje é de uma ausência do Estado onde ele está interferindo: no financiamento secular do futebol. O futebol é financiado pelo Estado desde a sua origem, por meio de isenção de imposto, por meio de perdão de dívida, por meio de parcelamento, por meio de



investimento através de controladas ou bancos, etc. Ou seja, há uma participação efetiva do Estado no financiamento do futebol, em que não deveria interferir.

E o Estado abandonou o futebol por achar que não se trata de algo relevante, e é efetivamente relevante. Novamente, digo que não existe no Brasil uma atividade, uma manifestação cultural que se compare ao futebol. O futebol, portanto, é uma potência do ponto de vista social e sobretudo econômico.

E aí vem o meu ponto: eu ousou dizer que não entendi muito bem o que ouvi aqui durante o dia. Por quê? Porque esses são projetos bonitos, são projetos interessantes, são projetos que mexem com comunidades, mas não estamos olhando para o real problema do futebol do Brasil, problema que já foi solucionado no mundo inteiro, ou melhor, em grande parte do mundo. A exceção hoje, na minha opinião, de todos os países que eu estudei, e foram uns 20, curiosamente são Brasil e Argentina — não olhamos para a potencialidade do futebol.

Não falamos aqui em meio de financiamento do futebol. Não falamos aqui em meio de captação de recurso para o futebol. Falamos em governança do que existe, mas o que existe não funciona mais.

A Alemanha resolveu este problema. Se pegarmos como exemplo os grandes times a que nós assistimos, veremos que eles não são mais associações sem fins lucrativos. O Bayern, que eu já mencionei aqui na Câmara dos Deputados, é uma sociedade empresária, é uma sociedade anônima, que tem o Clube Bayern, com 75% do controle, e Adidas, Audi e Allianz, com 25%. O Borussia é uma companhia com ações listadas que tem como maior acionista o Clube.

Sporting, Porto e Benfica são companhias com ações negociadas em bolsa. O Paris Saint-Germain é um clube que tem dono. E vejam como o futebol é transformador, ele transcende qualquer outro tema mundano ou não. O Paris Saint-Germain, que tem uma história e cuja torcida tem uma relação histórica com o neofascismo, é controlado por um mulçumano, por fundo soberano de um país mulçumano. Vejam como o futebol tem esta capacidade de superar temas aparentemente sem solução.

Se considerarmos os grandes times na Inglaterra, veremos que eles já resolveram a sua situação. Não precisamos ir muito longe, não. Os três grandes times



chilenos são sociedades empresárias. Para Colômbia e México vale a mesma coisa; Estados Unidos, nem se fala, mas o modelo lá acho que não serve para o Brasil.

De todo modo, o mundo já resolveu o problema, e já encontrou formas de quê? De financiamento da atividade empresarial, da atividade da empresa futebolística.

E o que nós fazemos aqui? Nós continuamos insistindo em um modelo associativo que não permite a captação de recursos, que acaba se submetendo a uma política interna — e ela é legítima dentro do clube; o clube associativo é feito para isso, as pessoas se associam para isso, para passar o final de semana lá fazendo a política de clube, mas se esquecem de que esta entidade jurídica controla empresas futebolísticas bilionárias ou milionárias.

Portanto, qual o caminho para que possamos ver o que foi falado aqui se transformar em matéria, para que vejamos uma atividade realmente pujante, sustentável, para que se possa entender que os times são inimigos ou opostos dentro de campo, mas sócios fora dele, e que a força do futebol vai beneficiar a todos ou a muitos times, como mencionou aqui o Luís Paulo Rosenberg, um grande amigo, um dos grandes pensadores do futebol, uma das pessoas que realmente tentam transformar o futebol?

E isso não se resume ao campo, às 11 pessoas mais a comissão técnica. Aqui estamos falando de uma cadeia monumental de pessoas, que envolve formação, educação, serviços, experiência, produtos.

Eu aposto aqui que todo mundo que viaja para os Estados Unidos, por exemplo, mesmo que não goste de basquete, quer ir a um jogo de basquete. Eu ouvi recentemente um amigo meu dizer: *“Nossa! Eu vou a Paris com minha esposa e ela quer assistir a um jogo do Paris Saint-Germain”*. *“Quantas vezes ela foi a estádio no Brasil?”*, perguntei. *“Nunca.”* Ela quer ir por quê? Porque é uma experiência, ou seja, isso é algo que pode transcender o que imaginamos.

Outro dia, estava conversando com o cônsul da França no Brasil, e ele falava o seguinte: *“Há tempos que nós queremos aqui encontrar meios de criar uma ligação entre Brasil e França e, de repente, eu vejo um jogador brasileiro fazendo com que as pessoas tenham mais interesse pelo meu País”*.



O Brasil tem essa oportunidade, que é única, porque se acabou gerando uma identidade com esse esporte que não foi criado aqui, mas que é praticado aqui. E se criou no mundo essa ideia de Brasil, uma ideia de...

O Pasolini — todo mundo conhece esse cineasta italiano — fala que o futebol brasileiro, que o Brasil encanta o mundo pela sua poesia, ao contrário da prosa dura do futebol europeu. O futebol brasileiro encanta aos intelectuais, aos praticantes, aos jornalistas, a qualquer pessoa, e nós não exploramos isso.

O que falta então? Hoje nós vemos um fato que deve ser olhado com muito cuidado. Desde que o Brasil, a Seleção Brasileira recuperou a estima, a autoestima, parece que o futebol entra no seu eixo. Mas nós temos que tomar cuidado com uma situação, com uma realidade. O Brasil sempre vai ter 22 jogadores para formar uma seleção campeã, mas isso não quer dizer que nós vamos ter jogadores, times, campeonatos potentes. Aliás, até muitos jogadores saíram cedo, e nós mal o conhecemos aqui no Brasil.

A realidade da Seleção, então, não é a realidade do futebol brasileiro. O futebol brasileiro precisa, é uma questão de sobrevivência, entender que o mundo mudou. O futebol mundial capta recursos. O futebol mundial encontrou formas de se financiar. O futebol encontrou formas de educar as pessoas para o esporte.

A Alemanha e a França são dois exemplos muito interessantes. A preparação começa na escola, começa na base. E não precisa ser nem deve ser na escola particular. Tem que ser na escola pública, por meio de política pública. Novamente, não é interferência do Estado de forma alguma no futebol.

Eu acho que aqui nós estamos na Casa do Povo, na Casa das pessoas que legislam. Portanto, é missão desta Casa, sim, encontrar os meios, encontrar as boas leis que possam criar o quê? Criar esse ambiente, criar esse mercado, oferecer o arcabouço necessário para estimular, para manter o futebol como bem cultural.

É missão desta Casa também atrair recursos que irão ser empregados no quê? Na formação, na educação, no desenvolvimento do nosso esporte. E esse esporte poderá gerar os excedentes, como bem mencionou o Sr. Rosenberg, para devolver aos seus acionistas evidentemente, afinal de contas, essa é a regra.

É um modelo de pesos e contrapesos que permitirá, sem a interferência do Estado no futebol, fazer com que se crie um ambiente saudável, um novo ambiente,



um novo mercado sustentável e que possa, sim, fazer com que o futebol cumpra a sua função social e a sua função econômica.

Eu falaria aqui e teria muito mais para falar sobre esse assunto. Infelizmente, eu acho que o meu tempo já escoou, mas deixo aqui só essa mensagem. Acho que nós vivemos... O futebol tem uma enorme potencialidade, tem a sua função e está muito longe, na minha opinião, de cumprir o papel para o qual ele é ou deveria ser programado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Andres Sanchez) - Obrigado, Rodrigo.

Queria também registrar a presença do Weber Magalhães, Presidente da Sociedade Esportiva do Gama, do nosso amigo, companheiro e ex-atleta do futebol profissional, Deputado Danrlei, que com 14 anos não tinha mais o que fazer e virou jogador de futebol, o Grêmio abriu as portas para ele, mas, infelizmente, não veio uma proposta de 2 milhões de Euros por mês, que podia ser de empresa, podia ser de clube social, podia ser do que for, ele ia falar para o Grêmio: *“obrigado, por tudo o que você fez”*, e iria embora, como o advogado vai, como o empresário vai e como o médico vai, infelizmente, é a globalização.

Mas é verdade que nós estamos há horas para debater isso, em algumas coisas há razão, outras são um pouco duras, a questão do futebol brasileiro é fácil de resolver, mas não é virando empresa. Dos 720 clubes profissionais que existem é colocar 150. Acabou o problema do futebol brasileiro, tirem as federações, acabou o problema do futebol, melhorou em 90% o problema do futebol brasileiro.

Agora, enquanto houver 720 clubes brasileiros profissionais, enquanto houver 27 federações e 1 confederação de 720 clubes, vai haver problema. A cadeia não fecha, vai cortando, mas vamos lá.

Depois, quem quiser saber alguma coisa, após a exposição da Doutora aqui, faremos as perguntas.

A SRA. SILVANA VILODRE GOELLNER - Olá! Boa tarde a todos e a todas, queria inicialmente agradecer ao convite para participar deste fórum. Considero bastante importante. Vocês devem estar se perguntando: o que uma professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul faz numa mesa como esta, se não joga futebol? Mas estudo um pouco de futebol.



Eu trabalho com mulheres e esporte há muito tempo, e o futebol me invadiu nos últimos 5 anos, inicialmente com a curadoria da exposição no Pacaembu, *Visibilidade para o Futebol Feminino*. Isso fez com que eu tivesse um contato muito grande com as atletas, sobretudo da primeira geração, porque não existia acervo para colocar no museu. O futebol feminino, vocês sabem, é muito difícil de aparecer nas mídias, nos próprios clubes, na própria CBF. No museu da CBF não há quase nada de futebol feminino.

Este envolvimento fez com que eu fosse convidada para participar do comitê de reformas do futebol feminino da CBF no ano passado e, mais recentemente, talvez vocês tenham acompanhado, do movimento das jogadoras que anunciaram o seu desligamento da seleção brasileira, 5 jogadoras, em função da demissão precipitada da treinadora Emily Lima.

Neste momento, houve uma carta aberta à CBF de 8 jogadoras, fundamentalmente as jogadoras da primeira seleção, mais Formiga, Sissi, uma carta que foi divulgada no dia 6 de outubro na imprensa internacional, de imediato, em função da repercussão desta carta, o Presidente Marco Polo Del Nero convidou as representantes das jogadoras para uma reunião na CBF.

Registro que foi a primeira vez que as jogadoras foram ouvidas e recebidas oficialmente. Tive a oportunidade de participar desta reunião, juntamente com a Juliana Cabral, a capitã da seleção da prata olímpica em 2004, porque colaborei com a construção desta carta.

Então, o motivo pelo qual eu estou aqui hoje é exatamente o envolvimento que eu tenho com o futebol feminino. E é sobre ele que eu vou falar, pensando na lógica do mercado, não estudo o mercado e diria que não há mercado para o futebol feminino exatamente porque ele está em construção. Acho que temos grandes possibilidades, como: licenciamento dos clubes da CBF, agora, indicando a presença de equipes femininas, e a própria determinação da CONMEBOL vai fazer com que em médio prazo o futebol feminino tenha uma visibilidade maior e, portanto, possa se tornar algo em que possamos falar de mercado.

Falar sobre o mercado no futebol feminino hoje está muito relacionado com a própria visibilidade. E eu diria que há um lapso histórico, um *gap* histórico, que não



podemos deixar de considerar quando falamos do futebol de homens e do futebol de mulheres. Não há apenas uma diferença do ponto de vista do jogo.

Por quase 40 anos, o futebol feminino foi proibido no Brasil. Então, entre 1941 e 1979, não podiam existir jogos oficiais. As mulheres, inclusive, eram presas. Se formos ver os registros em delegacias, encontramos essas informações.

O Conselho Nacional de Desportos instituiu um decreto, exatamente em 1941, proibindo várias modalidades. E o futebol estava entre elas. Esse decreto só foi revogado em 1979, e o futebol feminino foi regulamentado em 1983. Com isso, estou dizendo que ele é muito recente em termos de história e de consolidação. No ano que vem, em 2018, vai fazer 30 anos da primeira convocação da Seleção Brasileira de Futebol. Isso é muito recente.

Se pensarmos nos Jogos Olímpicos desde a primeira edição, em 1900, havia o futebol dos homens. A primeira edição do futebol das mulheres foi em 1996. Há 96 anos de diferença! A Copa foi em 1930 para os homens; para as mulheres, em 1991. Então, nós não podemos fazer só o comparativo do jogo. Também temos que pensar nesse aspecto cultural e histórico.

Eu sempre tenho dito que o futebol masculino, sobretudo o futebol dos grandes clubes, é uma entidade autônoma sem a qual não podemos ter nenhum parâmetro para comparar ao futebol das mulheres, o futebol feminino. Ainda assim, como o futebol é um símbolo identitário — isso já foi falado, e eu concordo —, temos grandes atletas que têm pouco reconhecimento no Brasil e que são reconhecidas no exterior. A Marta, indiscutivelmente, é o nosso grande nome, mas temos a Formiga, com seis Copas do Mundo e seis edições dos Jogos Olímpicos. Nenhuma atleta tem isso. Temos a Cristiane, que é a nossa goleadora, a nossa artilheira olímpica.

Mas eu queria pensar no tema mercado, até porque o tempo está correndo. Nós podemos pensar em duas possibilidades. A primeira é esse mercado de consumo, ou seja, o consumo de produtos a partir de um mercado do futebol feminino. E eu diria que o mais importante talvez seja pensarmos num mercado de profissão, de emprego, para mulheres que jogam futebol, que treinam futebol e que são gestoras. Enfim, temos que pensar nessas possibilidades todas.

Eu tenho trabalhado em duas lógicas. O futebol feminino para as mulheres hoje é uma ocupação e não uma profissão. Só entendo que haverá mercado quando



houver a profissionalização do futebol feminino. E o que quero dizer com profissionalização? Eu estou falando nos contratos e, sobretudo, num calendário sistemático de competições.

O Dr. Walter Feldman falou que hoje existem 17 competições promovidas pela CBF e que apenas uma é de futebol feminino, que é o Campeonato Brasileiro. Havia a Copa do Brasil, que foi extinta, e não existe nenhum campeonato de categorias de base.

Então, como fomentar um mercado, como fomentar a modalidade, se nós também temos poucos campeonatos? Quando esses campeonatos acontecem, eles são muito curtos. O Campeonato Brasileiro durou 4 meses, e o Campeonato Paulista durou 7 meses. Um campeonato nacional é mais curto do que um campeonato estadual. Tivemos a Série A e a Série B, com 32 equipes envolvidas. Temos que pensar na inexistência de um calendário sistemático. E nós percebemos que essa profissionalização não existe.

É interessante pensarmos que a mesma jogadora, em um mesmo ano, joga em quatro, cinco ou até mais equipes. Ela acaba um campeonato e vai jogar o estadual. Sai do estadual e vai jogar a Libertadores por outra equipe. A atleta vai migrando exatamente pela falta de sistematicidade.

O plano de saúde... Eu estou falando que não conseguimos pensar num mercado para o futebol feminino, se não pensarmos na profissionalização desse futebol, se não atrairmos patrocínio e público. A fidelização de público e de empreendedores só vai acontecer, se conseguirmos, efetivamente, tornar o futebol feminino no Brasil uma profissão.

Eu diria que algumas coisas são importantes. Primeiro: não existe um diagnóstico do futebol feminino do Brasil, não há a certeza de quantos números de equipes existem. A CBF — Confederação Brasileira de Futebol tem um registro de 160 equipes. Nós já fizemos... Pela Universidade, chegamos a quase 200 equipes, há muito mais do que 120.

Pensemos os campeonatos estaduais que estão acontecendo hoje: por exemplo, no Rio Grande do Sul, há 14 equipes participando. Existem 27 federações com cinco equipes em cada federação — e há mais participando. Em cinco equipes, há 20 jogadores envolvidos. Temos mais de 3 mil mulheres jogando futebol! Agregue



isso ao número de pessoas que estão envolvidas. Nós podemos ter um mercado em potencial, do meu ponto de vista, que não está sendo explorado exatamente por conta disso.

Então, temos um diagnóstico: quais são os clubes? Quantas jogadoras existem? Quais são as competições que existem? Quais são as empresas que têm produtos relacionados com o futebol feminino, se é que há? Isso é necessário para haver essa profissionalização, ou pelo menos para tentarmos entender e traçarmos um plano de desenvolvimento do futebol feminino, como fez a Alemanha, como fez os Estados Unidos, como fez a Austrália, como fez a França, expoentes hoje do futebol feminino no mundo.

A segunda questão é exatamente o que eu falei: a ampliação das competições. A Copa do Brasil extinta fez com que 16 equipes que participaram em 2016 não tivessem a oportunidade de participar de um campeonato nacional neste ano, pelo ranqueamento feito pelo time masculino, pelas equipes masculinas. Dez Estados da Federação não participaram de nenhuma competição nacional.

Então, como que eu posso pensar em criar um mercado se eu tenho essa assistemática, essa quase inexistência de condições para que o futebol feminino se desenvolva? Nas categorias de base, temos pouquíssimas possibilidades. Pensar essa profissionalização envolve, portanto, CBF, clubes e federações.

Com relação aos clubes, nós temos visto e vamos perceber exatamente esse maior movimento em função das determinações que eu já falei: CONMEBOL e o próprio licenciamento da CBF.

Agora o sistema de transferências de atletas também é uma novidade interessante para pensarmos nesse mercado, pois abre a possibilidade de as mulheres terem os seus contratos, e os clubes poderem vender e fazer esse sistema de transferência.

Mas penso que, para se criar um mercado, é necessário também envolver os torcedores. Nós sabemos o quanto o clubismo é importante para a manutenção da própria estrutura financeira dos clubes, ou seja, devemos pensar o futebol feminino como uma marca. O Internacional, o meu time, está apostando nisso, está apostando nas gurias coloradas, recriando o departamento de futebol feminino. Já tivemos as



Sereias da Vila. Ou seja, criar uma marca que fidelize um público para o futebol feminino é interessante.

Participar dos jogos nos estádios: tivemos uma experiência inédita em Porto Alegre, agora, no último final de semana. A equipe de mulheres jogou, está jogando o Gauchão, no Estádio Beira-Rio, quer dizer, depois de 14 anos, as mulheres jogaram no principal estádio. Sem muita divulgação, nós atingimos um público de quase 13 mil pessoas. Então, é interessante pensarmos nesses movimentos todos, creio eu; utilizarmos o próprio *marketing* do masculino, tentando divulgar as ações das equipes femininas que, a partir de agora, me parece que vão se criar, mesmo que associadas com outras equipes já existentes, com associações e etc.

A criação de produtos para o consumo me parece ser bastante interessante de nós percebermos. E os registros: a grande dificuldade que temos são os próprios registros, sejam eles históricos, sejam os que estão acontecendo agora. Quem sabe quem ganhou... A Copa Libertadores dos homens acaba amanhã, está todo mundo sabendo. Mas quem sabe qual foi a equipe que ganhou a Libertadores das mulheres que aconteceu ao menos (*ininteligível*)?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. SILVANA VILODRE GOELLNER - Com certeza. E as pessoas que curtem o futebol feminino sabem que o Corinthians ganhou a Libertadores, mas a imprensa, inclusive a mídia esportiva, dá pouca visibilidade.

Então, como vai haver mercado se não há visibilidade e não há patrocínio? Vai gerando sempre uma roda que a gente precisa de alguma maneira romper.

Eu creio que é importante a criação dos departamentos femininos dentro das 27 federações. Em muitos Estados, a gente vê a terceirização dos campeonatos, e, na terceirização, perde-se muito porque, muitas vezes, essa terceirização é feita, desculpe-me a expressão, de qualquer jeito.

A gente viu situações nas quais não havia nem ambulância nos estádios nos jogos estaduais, ou seja, há uma série de dificuldades pelas quais o futebol feminino passa. Como um patrocinador vai querer apostar em algo que é feito sem uma estrutura muito significativa?



Eu penso também que gestão e responsabilidade dos gestores para a concretização do futebol feminino é bastante interessante. Eu estou falando nesse sentido não só em relação às federações, mas também à CBF.

Em relação à reunião com o Presidente Marco Polo Del Nero, a gente levou 18 reivindicações, dentre elas as questões relacionadas ao Plano de *Marketing* e Captação de Recursos para o Futebol Feminino e uma para que houvesse um Comitê de Desenvolvimento do Futebol Feminino.

Na mesma hora, Marco Polo Del Nero criou esse Comitê. O Comitê não é da CBF, é um Comitê que dialoga com a CBF. Então, eu faço parte desse Comitê com essas jogadoras que assinaram a carta. A gente tem feito uma série de sugestões à CBF, e até agora não tivemos nenhuma resposta efetiva.

Uma das sugestões das quais a gente não abre mão — que é fundamental e sem a qual não acontece nenhum avanço na modalidade — é a criação de um Departamento Feminino na CBF com o mesmo poder decisório das outras diretorias, um departamento que possa ser responsável pelo encaminhamento de projetos.

O Legado da FIFA está vindo, serão 80 milhões. A FIFA indica 15 milhões para o investimento no futebol feminino, ou seja, é muito dinheiro. Se a gente pensa que 15 milhões não é muito dinheiro para o futebol masculino, para o futebol feminino, é um dinheiro incomensurável em termos de investimentos!

Então, a criação de um Departamento Feminino seria fundamental para que pudesse haver investimentos. A FIFA tem uma série de programas de investimentos no futebol feminino, mas a CBF tem feito poucas intervenções, inclusive no sentido de captar recursos.

É uma pena que o Dr. Walter não tenha ficado aqui, porque eu conversei um pouco com ele, quer dizer, isso tudo está documentado na CBF. A gente tem feito as reuniões e tem deixado essa documentação lá.

A FIFA tem os dez princípios do desenvolvimento do futebol feminino, um deles é exatamente a captação de recursos e *marketing*. O Dr. Walter falou num plano de transformação do futebol, eu acho que, mais do que nunca, é hora de a CBF colocar nesse plano de transformação do futebol o futebol feminino.

Se o futebol deu certo, eu diria que deu certo para o futebol masculino, o futebol feminino no Brasil ainda é uma promessa. Então, nesse sentido — o meu



tempo deve estar quase acabando —, eu penso que um plano de *marketing* é fundamental para a CBF, as federações e clubes e o poder público.

Eu diria, sobretudo, que pensar o futebol feminino a partir da lógica do mercado é inviável se a gente não pensar na profissionalização desse futebol feminino, se a gente não pensar que isso depende de uma decisão política de pessoas, de grupos e de instituições.

E quando eu falo em profissionalização, eu estou falando inclusive na condição de existência. Várias das nossas jogadoras, com o fim do ano agora, estão sem contrato e só vão voltar ao contrato no ano que vem quando começar o Campeonato Brasileiro.

Então, essa falta de sistematização faz com que o futebol seja uma ocupação, razão pela qual algumas delas precisam sair do País, inclusive porque têm a possibilidade de se manter jogando, e não só por questões salariais. Quem joga futebol sabe que se parar de jogar por 1 ou 2 meses, ao retornar, estará muito defasado em termos de técnicas e de táticas.

Então, sistematização do futebol é vital para a existência do que a gente chama de futebol feminino no Brasil, sem o qual a gente nunca vai conseguir nem pensar numa lógica de mercado porque ela está muito aquém dessa possibilidade.

Meu tempo está se encerrando. Eu agradeço a possibilidade de novamente estar aqui conversando sobre esse tema. Acho que este é um tema importante. Mais do que nunca, eu vejo que agora é um momento muito importante para o desenvolvimento do futebol feminino.

Iranduba está dando um exemplo em função dessas legislações. Em um primeiro momento podem dizer que é horrível ter que depender disso ou que isso não deveria acontecer, mas talvez seja a mola propulsora de um mercado — que eu acho que existe — de possibilidades para o desenvolvimento.

Vou dar o último exemplo. A gente fez, lá no Rio Grande do Sul, uma peneira para o Internacional, e foram 682 meninas e mulheres do Brasil inteiro para uma seleção de 20 atletas. Só houve uma peneira grande, no Santos, quando a Marta jogava no Santos. Quer dizer, há potencial. Acho que, por falta de um diagnóstico, a gente não sabe o que acontece com esse potencial e não sabe projetá-lo na lógica do mercado.



Obrigada pela atenção de vocês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Andres Sanchez) - Obrigado, Profa. Silvana. Alguém quer fazer alguma pergunta? *(Pausa.)* Não.

Eu sou uma pessoa muito sincera, eu quero me propor a participar desse grupo, ainda mais com a presença da Juliana. Eu quero estar junto e participar mesmo!

Eu tenho mil restrições com o futebol feminino. Assumo isso, mas eu acho que é um futuro que temos que trabalhar.

Agora, impor ao Corinthians, ao Flamengo, ao São Paulo, ao Vasco time de futebol feminino fará com que se acabe com o futebol feminino. Tem-se que impor a fazermos categorias de base. Daqui a 10 anos nós vamos ter algo porque hoje não se consegue montar em São Paulo 10 times de futebol feminino. Por quê? Por que o Inter vai jogar contra o São José, é o placar é 10 a 0 ou 20 a 1. Vão ranquear os times? Não conseguem ranqueá-los.

Então, tem-se que obrigar a fazerem a base para daqui a 10 anos nós termos times profissionais femininos. Não se consegue montar 20 times competitivos no Brasil. Então, o que nós temos que obrigar a fazerem é categorias de base. O que o Corinthians tem que fazer primeiro é a base, para depois continuar.

Como o Presidente falou, imagine a dificuldade dele na hora em que a CONMEBOL ou a CBF forem obrigados a por futebol feminino. Como eles vão trabalhar? O Vasco está contratando meninas, o Corinthians, o São Paulo, o Flamengo... Isso vai acabar com o time dele. Desculpem-me falar isso, mas vão acabar com o time dele.

Nós temos que fazer a base e daí começar, com tempo as coisas vão acontecendo. Vamos brigar por isso aqui, eu brigo junto.

Temos duas perguntas, uma para o Rodrigo e outra para o Dr. Luís Paulo. A pergunta é através do *e-democracia*, do André Padilha, de Brasília.

“Tramita na CESPO — Comissão de Esporte dois projetos de lei sobre fundos patrimoniais para entidades sem fins lucrativos que atuam no esporte. Qual a opinião do palestrante sobre o impacto na economia dos clubes a médio e longo prazo? Por que a tramitação é lenta se o tema é tão importante?”



Bom, isso eu respondo como Deputado. Aqui tudo é lento. Aqui tudo demora de 5 a 8 anos, quando 2 ou 3 não querem. Ou melhor, quando 2 ou 3 querem, aí anda rápido.

O SR. RODRIGO ROCHA MONTEIRO DE CASTRO - Eu vou desviar um pouco o foco da pergunta, mas eu chegarei lá. Tramita outro projeto, o Projeto nº 5.082, do Deputado Otavio Leite, do PSDB do Rio de Janeiro, que cria no Brasil a sociedade anônima do futebol. Esse sim é um projeto que teria um impacto monstruoso porque oferece os meios para que o futebol possa se separar do clube. É a via jurídica, como mencionado, o arcabouço que estabelece as regras para que o clube possa destacar do seu patrimônio os ativos do futebol, criando uma nova entidade jurídica, uma sociedade anônima do futebol que no primeiro momento vai ser controlada 100% pelo próprio clube, mas que vai ter uma lógica própria, um patrimônio próprio, uma administração própria e profissional e poderá, a partir daí, então, captar recursos, investir, atrair investidores, ou seja, agir como tem que agir uma empresa que tem o futebol como atividade.

Para concluir essa ideia, falarei da importância desse projeto. Imaginem, por exemplo, o time do Deputado aqui ao meu lado, o Corinthians, que tem 20 ou 30 milhões de torcedores. Eu sabia que ele não iria gostar. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Andres Sanchez) - Tem mais de 30, não sei se são 39.999.000 ou 31 milhões.

O SR. RODRIGO ROCHA MONTEIRO DE CASTRO - O problema é o seguinte: se juntarmos os torcedores que os corintianos dizem que têm com os flamenguistas, teremos mais ou menos uns 320 milhões. Não chegaremos ao número de brasileiros. Enfim, tem 30 milhões.

Imaginem o Corinthians destacando os ativos do futebol, criando uma sociedade anônima do futebol, uma sociedade anônima empresária, com uma administração profissional, com um conselho, com gente que pode aplicar tudo aquilo que o Prof. Rosenberg mencionou, que pode atrair investidores e que não precisa necessariamente abrir capital, não precisa vender ações, porque há quem não goste disso. É uma questão de instrução. Há outros meios.

Imaginem se o Corinthians resolver — o Dr. Rosenberg vai saber do que estou falando — atrair os seus torcedores por meio de um instrumento chamado debênture,



que é um título de dívida, por meio do qual os torcedores, em vez de aplicarem seu dinheiro na poupança, que hoje paga pouco, aplicarem-no em título do Corinthians, que vai pagar duas vezes mais do que a poupança. O Corinthians captaria a uma taxa superbarata, super-razoável, o torcedor ou o investidor aplicaria a uma taxa mais interessante do que conseguiria obter no mercado, e o Corinthians iria conseguir, então, investir, evoluir, formar jogadores, melhorar a sua relação com o torcedor, criar uma grande base e assim por diante.

Esse projeto mencionado pelo André Padilha insiste num problema. Fomentar e desenvolver associações sem fins lucrativos que operam empresas econômicas milionárias é insistir num erro que o mundo já solucionou. Insisto: os dois únicos países relevantes no plano do futebol que não encontraram soluções legislativas para permitir a criação de ambientes que serão veículos de captação de recursos e investimentos e fomento da atividade futebolística são a Argentina e o Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Andres Sanchez) - Barcelona e Real Madrid também.

O SR. RODRIGO ROCHA MONTEIRO DE CASTRO - A Espanha solucionou o problema lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Andres Sanchez) - Solucionou. Os árbitros estão comprando tudo lá.

Justus Vasconcelos Dobbin pergunta: "*A fuga de talentos é tema comum nos países em desenvolvimento. A América Latina e os países do continente africano são historicamente assaltados*" — ele disse 'assaltados' porque levam os jogadores jovens. "*O interesse individual deve ser maior do que o nacional? Que limitação poderia ser dada à transferência dos jogadores?*"

O SR. RODRIGO ROCHA MONTEIRO DE CASTRO - Bem, esse é um conceito complicado. Então, não vamos permitir que a Vale do Rio Doce venda o minério maravilhoso do Brasil para o chinês, porque ele estaria assaltando a gente? Ora, o chinês paga o preço do minério, e o Real Madrid paga o passe do jogador.

Se a gente criasse essa lei, provavelmente algum jogador impedido de ser vendido para o exterior pediria um aditivo proibindo qualquer servidor público de mudar de emprego. Como eu posso tolher a liberdade de um cidadão de procurar o que é melhor para si?



Mas eu estou na outra ponta. Eu não só tolero como eu acho extremamente desejável que exista esse mercado. É um instrumento de enriquecimento fantástico do clube, e como nós temos um suprimento de jogadores da mesma forma que temos as melhores minas de ferro do mundo, podemos multiplicar esse recurso a ponto de um dia competirmos com o Barcelona na compra de jogadores. Isso é solução via mercado.

Eu não vejo como interferir nesse processo, a não ser enriquecendo o clube de tal forma que ele possa no futuro segurar o jogador sem sacrificar o potencial de enriquecimento e de valorização. Trata-se de gente de origem muito humilde que tem pelo menos 20 ou 30 familiares dependendo dele. Ele tem talento, mas tem uma vida desgraçada. Pensam que a vida do jogador é só boate? É um sofrimento que não tem igual. Passam todo fim de semana com chatos do lado, com dieta e tal. Por isso, é preciso ter respeito pelo jogador.

Essa nossa veneração pelo mercado, por acreditar que ele se resolve, leva o economista sempre a pensar fora dessa caixa.

Em relação à apresentação da Profa. Silvana eu diria o seguinte: quer ver como o mercado funcionaria? Eu sei que é uma loucura, porque eu tentei isso em 2010 e o nosso assessor jurídico quase me jogou do último andar do Parque São Jorge. Eu queria em 2010, no ano do Centenário do Corinthians, ter a Marta no time lançando bola para o Ronaldo. Ué! Por que não pode? Eu fico doido com isso! Igualdade, tratamento igualitário com mulher é deixá-la jogar com a gente. Podem dizer: "*não é justo*". Ora, mas não é justo também a mulher estar ao nosso lado na empresa e, para competir, para nos tomar o lugar, ter que ser muito melhor do que nós! Você não imagina o bem que isso faria para o futebol feminino, porque nós iríamos estar olhando o futebol de base, que existe hoje, como fornecedor de mão de obra para o futebol profissional masculino.

Podem dizer que nenhuma modalidade faz isso, mas a FIFA poderia inovar. Eu acho esse é um pleito fantástico, porque alia a igualdade que buscamos — e igualdade não é o time feminino, é abrir perspectivas para entrar no mercado mais vantajoso — com a capacidade de usar o mercado para alavancar assim os times femininos, que são indispensáveis e muito bonitos.



O que o Rodrigo trabalhou é exatamente dentro dessa linha: "*Escuta, vamos usar o mercado para todas as possibilidades de crescimento do futebol*". Eu enfatizei aquelas operacionais, digamos assim, aquilo que você pode gerar como fluxo de receitas pelo fato de prestar serviço. Ele está dizendo o seguinte: "*Você tem um patrimônio, e esse patrimônio pode servir de lastro para você trazer capitais que partilhem do seu resultado. Por que desprezar isso?*" Eu não desprezo e acho muito importante. Este debate, que é liderado pelo Rodrigo no Brasil, tem que crescer.

Agora, chamo a atenção para o seguinte: durante a gestão do Deputado Andres, nós conseguimos multiplicar a receita do Corinthians, fora a venda de jogadores, por cinco, seis vezes. Está ainda tão subutilizado o canal da geração de rendas, que para nós a necessidade de capitalização ainda não apareceu.

O que apareceu muito claramente é o seguinte: eu preciso pulverizar o processo de tomada de decisão. Não tem cabimento um clube de 30 milhões de torcedores ser governado por 3 mil frequentadores de piscinas, quadra de tênis e de futebol. Isso é uma contradição. É ruim para o associado e para o clube. Esse divórcio, essa separação amigável, tem que ser feita o quanto antes.

Por isso, a ideia de que exista um sócio-torcedor com direito a votar. Isso democratiza o poder. Só vota para tratar dos destinos do clube, da sede quem for sócio patrimonial. Assim a gente resolve outra vez, via mercado, de uma forma democrática e respeitadora da lógica humana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Andres Sanchez) - Alguém tem mais alguma pergunta?

Professora, a senhora quer fazer suas considerações finais?

A SRA. SILVANA VILODRE GOELLNER - Eu só queria de novo agradecer o convite e chamar a atenção para a importância de olhar para o futebol feminino, sobretudo olhar para as futuras gerações do futebol feminino.

Se a gente não investir na base, em equipes que trabalhem o futebol feminino desde a base, dificilmente a gente vai fazer com que o futebol feminino um dia mereça estar no espaço que eu considero que seja importante. Essa é uma luta bastante grande. Temos um caminho longo pela frente.

Obrigada, de novo, pela possibilidade de vir aqui conversar com vocês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Andres Sanchez) - Obrigado, Professora.



Obrigado a todos.

Passo a condução dos trabalhos ao Deputado Mário Negromonte Jr., Presidente da Subcomissão Permanente do Futebol Brasileiro, para as suas considerações finais. *(Pausa.)* Ele não está presente.

Nada mais havendo a tratar, dou por encerrado o 3º Fórum Legislativo de Futebol.

Obrigado a todos.